



*Senza. 373.*

*Lith. de Lopez & Pastor. B. N. des. M. N. 24. 1. 1. 1866*

S.M.O SULTÃO ABD-UL-MEDJID.



## O SULTÃO ABDUL-MEDJID

No primeiro de julho de 1839, o *camello negro, que vai ajoelhando de porta em porta*, isto é, a morte, parou de frente do Kiosque de Tchamlidja. Ali expirava, seis dias depois da derrota completa do seu exercito em Nezib, o Sultão Mahmoud II, succumbindo a uma molestia, que os medicos tinham ao principio classificado, quer por ignorancia, quer por exigencias da politica. — uma *tysica tuberculosa*, mas que o doutor Milligin, medico antigo de Byron, reconheceu immediatamente ser o *delirium tremens*, consequencia frequente e termo fatal do excesso das bebidas alcoolicas. O *padischah* tinha vivido 54 annos, e tinha reinado 31.

Abdul-Medjid, chamado a receber o perigoso e pesado encargo da successão no throno imperial, era o vigesimo primeiro filho do defuncto sultão. Tendo nascido em Constantinopla a 19 d'abril de 1823, contava então 16 annos de idade.

A sua infancia tinha sido a de todos os principes musulmanos. Os prazeres precoces, e a vida pouco livre, mas cheia de encantos do serralho, é tudo quanto elle conhecia, quando subiu ao throno. Aos 10 annos, diz um viajante, Abdul-Medjid recebia de sua mãe, por prenda d'annos, duas lindas escravas circassianas, o que é um rasgo bem caracteristico dos costumes turcos.

O velho Khosrew e Halil, cunhado do novo soberano, foram os primeiros a annunciar-lhe a noticia, e a beijarem a chinella imperial, como tacito reconhecimento da sua elevação ao poder.

Entrou com elles no Kiosque, onde descansavam os restos, ainda quentes, do grande reformador, e alli, em quanto os ministros da religião lavavam o corpo, o novo Sultão recebeu as felicitações de todas as pessoas de palacio, derramando lagrimas que enxugou depressa a necessidade de operar.

Assignou, alli logo, a nomeação de Halil para o posto de Seraskier (commandante da tropa), e a de Kosrew para o lugar de grão-vizir.

Depois abriram-se as portas: Abdul-Medjid saiu do Kiosque, e metteu-se em um caleche tirado a 8 cavallos, que o transportou, no meio das aclamações das tropas formadas em alas para a sua passagem, ao caes de Harem-Skelessi, onde embarcou em um barco d'estado, para ir tomar no palacio de Top-Kapou posse do throno de seus paes.

Alli recebeu as felicitações dos grandes dignatarios, e ao mesmo tempo retumbou em toda a cidade de Constantinopla, pela voz dos pregoeiros publicos, e ao som das salvas d'artilheria de todas as baterias e fortes do porto, a fórmula sacramental: « Sua Alteza, nosso muito magnifico senhor e amo o Sultão Abdul-Medjid, subiu ao throno! Deus queira que o seu reinado faça a felicidade do seu povo! »

Em França ha pouco tempo que se gritava em eguaes circumstancias; « O rei é morto, viva o rei! » Na Turquia falla-se só da vida; a morte está claro que se subentende, tudo quanto recorda a sua imagem evita-se cuidadosamente. Este reinado, que devia effectivamente fazer epocha em os annos do povo otomano, se inaugurava debaixo de funebres auspicios.

A 3 de julho soube-se em Constantinopla a derrota e a dispersão total do exercito de Hafiz, e a tomada do campo de Nezib com todo o material de guerra pertencente ao exercito destruido por Ibrahim-pachá e seus egypcios, já promptos a passar o Taurus.

Dois dias depois, chegou a noticia da defeccão da esquadra levada para Alexandria, e entregue ao pachá do Egypto por Achmed-Fewsi-pachá, inimigo figadal de Khosrew, de quem receiava o caracter vingativo.

Constantinopla estava á mercê do poderoso vassallo da Sublime Porta, triumphante já por terra e mar. Depois, como a convenção de Unkiar-Skelessi dava á Russia um direito de protectorado, sobre o imperio, e as circumstancias justificavam, e até pediam o exercicio d'este direito ameaçador, podia prever-se, sem mesmo encarar as coisas pelo peor lado, que estava proximo o dia em que o novo throno, ameaçado por dois lados, ao mesmo tempo,



poderia em breve ser esmagado entre as forças do Czar e as de Mehemet-Ali. Felizmente a Russia não julgou então a proposito tomar o expediente de usar do seu protectorado exclusivo; a Europa interveiu; a diplomacia andou tão bem em o negocio, que Ibrahim não poudo proseguir nas vantagens da sua grande victoria, e o imperio respirou então.

Por mais assustadora que fosse esta situação, não impediu, contudo, o joven *padischah* de se declarar, desde o primeiro dia, partidista e continuador resolutivo das reformas emprehendidas pelo destruidor dos janizaros. A vista de uma ultima revolta d'estes, Mahmoud tinha-se resolvido, por sua segurança pessoal, a mandar estrangular Mustaphá-Kan, seu irmão. Mohammed III, em um só dia, tinha mandado matar todos os seus, que eram nove. Abdul-Medjid abandonou este uso, ou barbara prudencia, conservando a vida e a liberdade a seu irmão mais moço, Abdul-Aziz, mancebo de instinctos violentos.

Quando se dirigiu á mesquita de Eyoub para ahí cingir, segundo o costume solemne, o sabre de Othman, signal do poder, na cerimonia antiga, chamada de *Taklidiseif*, elevou-se uma grande questão para saber se o *padischah* appareceria no recinto sagrado trazendo na cabeça o *kaouk* ou o *féz*, isto é, o turbante ou o amplo barrete vermelho de borda azul.

O cheikh-al-islam e todos os ulemas se pronunciaram vivamente pela observação do antigo uso. Sultão algum havia ainda sido sagrado sem o *kaouk* tradicional. Que pensaria o imperio, que pensariam os santos descendentes do propheta, encarregados da solemnidade da sagração, de uma novidade tão manifesta, e contraria ao espirito do islam e á magestade do kalifado? A propria sultana *valida* (mãe) era d'este parecer. Mas tudo foi baldado á vista do partido tomado por Abdul-Medjid, e da resolução inflexivel do velho Kosrew, que disse ao chefe das ulemas: — « Por Deus e seu propheta, estareis presente á sagração de sua alteza, que ha de ir com o *féz*, ou esta mesma noite vos mando cortar a cabeça! A vista d'isto tudo se passou conforme o programma. Como uma especie de indemnisação, os doutores da lei tiveram licença de figurar no cortejo com o vestuario antigo, e de apresentarem os seus volumosos turbantes brancos listrados de côr de ouro. Como um outro penhor do seu affecto á fé, o Sultão tinha mandado com um grande apparatus despejar no Bosphoro alguns milhares de garrafas de vinho e outros licores introduzidos no sarralho fraudulentamente no reinado pre-

cedente pelo chefe dos eunuchos, e tinha dado ordem para mandar tirar algumas figuras que estavam esculpidas nas pendulas do palacio.

Mas appareceu em Eyoub vestido com a calça e mais traje á europea debaixo do manto imperial, e com a cabeça coberta com o *féz*, que coroava um penacho seguro no alto do barrete por uma prezilha de diamantes.

A sua presença excitou, em lugar de um vivo enthusiasmo, uma sollicitude sympathica. Era delgado, pallido, mal constituido, e cada um dos espectadores, como que perguntava a si mesmo, se esta criança tão fraca poderia supportar o pesado encargo da administração do Estado, que havia recebido sem que para isso estivesse preparado.

Não é costume saudar o Sultão. Como não lhe achavam um aspecto muito varonil, muito raros vivas se fizeram ouvir, e só as mulheres, a quem interessava o seu ar de amabilidade, e sua tenra mocidade, mostravam mais algum enthusiasmo proferindo na sua passagem o *Mach Allah padischah*, saudação que equivale quasi exactamente ao *God save the King!* dos inglezes.

Quatro mezes depois (3 de novembro) o joven Sultão dava ao imperio este famoso *hatti-cherif*, que se chamou, com toda a justiça, a *Carta dos direitos ottomanos*.

A leitura d'este documento foi feita solememente diante dos dignatarios de todas as classes, e de numerosas deputações, no interior do serralho, e em uma grande planicie proxima ao Kiosque de Gul-Khané (pavilhão das rosas). O principe de Joinville e o seu estado-maior assistiram a esta leitura memoravel, a que procedeu Reschid-pachá, que havia voltado ha pouco da sua embaixada, e havia sido nomeado reis-effendi.

Escrepta em um estylo simples e nobre, esta declaração fazia lembrar muito o preambulo da constituição franceza de 1789. Promettia uma colleção de leis e instituições, que deviam versar principalmente em tres pontos: — 1.º As garantias que assegurem aos vassallos uma perfeita segurança, *quanto á sua vida, honra e fortuna*: 2.º Um modo regular de lançar e receber os impostos: 3.º Um modo igualmente regular para o recrutamento e duração do serviço militar.

Este acto glorioso tem excitado, entre outras criticas amargas, que não valle a pena mencionar, a accusação de não ser mais do que um pomposo programma. Os actos de Abdul-Medjid têm respondido a esta observação. Sem duvida que se não improvisa a civilisação no meio de um povo composto de



tão variadas raças, e, pôde dizer-se, que ainda barbaro. Mas quanto era humanamente possível tem-se posto em pratica para realizar a esperança dada no *hatti-cherif*.

O progresso já obtido é immenso; para não citar mais do que um exemplo, vê-se este mesmo exercito, que Ibrahim ha 13 annos levou adiante de si como rebanhos ou hordas selvagens, rivalizar hoje em disciplina e boa apparencia com as tropas ha tanto tempo disciplinadas á europea, como são as do visinho imperio da Russia.

A esquadra, as finanças, a administração publica, a educação, e a justiça, têm feito eguaes progressos. A sorte dos *rayas* acaba de se regular d'accôrdo com as quatro grandes potencias. Já são admittidos a depôr em juizo, e tudo induz a acreditar, que o imposto do *kurradj* (capitação) pago ainda pelos christãos, será em breve abolido, para dar logar á obrigação do serviço militar, egual para todos, encargo que os *rayas* até agora, longe de desejar, têm evitado.

A memoravel declaração de Gul-Khané foi immediatamente traduzida em lingua grega, e remettida pelo patriarcha aos arcebispos e bispos em todas as provincias do imperio.

Nomeou-se uma commissão para confeccionar as leis annunciadas (*tanzimat*), e o regimen parlamentar foi introduzido no conselho supremo de justiça, que se achou assim transformado em uma especie de assemblea legislativa.

Por occasião do *bairam* seguinte, o Sultão renovou por um *firman*, dirigido a todos os governos de provincia, as suas promessas anteriores, e a segurança de abolir toda a arbitrariedade em os seus Estados.

Notaram-se n'este documento estas bellas palavras, que fallavam ao coração de vassallos por tanto tempo opprimidos. — « Desde o meu vizir até ao simples pastor, todos poderão dispôr dos seus bens como quizerem, e sem que pessoa alguma se lhes possa oppôr. »

Todas estas promessas, todas estas boas palavras se cumpriram, tanto quanto o podiam permittir as circumstancias e o tempo, as resistencias provenientes dos antigos usos, e os embaraços da epocha presente.

Quando em 1848, as provincias moldo-valachias, agitadas, como toda a Europa, pela commoção electrica de fevereiro, se insurgiram para pedir a nomeação directa dos seus *hospodares*, uma representação nacional, a abolição das *corveas*, da servidão, etc., o *padischah* se mostrou mais desejoso do que avêso a condescender com estas exigencias, justas na essencia, posto que irregulares na forma.

Comtudo, teve de occupar, a exemplo da Russia, as provincias danubianas; mas se o movimento dos patriotas romanos se mallogrou completamente alli, como em muitas outras partes, o Sultão não quiz castigar-os, e mostrou mais uma vez, que a um liberalismo, raro em um principe sentado em o throno de Othman, sabia juntar esta virtude nobre e verdadeiramente real da magnanimidade.

Quando pouco tempo depois, os insurgentes hungaros foram obrigados pela traição de Georgei a refugiar-se no territorio turco, é bem sabida a generosidade com que o Sultão os recebeu, e a Europa ainda não esqueceu a coragem que elle desenvolveu, resistindo ás exigencias de extradição, e ás ameaças da Austria, que era apoiada n'esta pretensão pela sua alliada.

Abdul-Medjid não tem o ardor impetuoso de seu pae Mahmoud II. É prudente e pacifico. A sua politica pôde definir-se uma mistura de circunspeção e de audacia. Mas esta ultima qualidade predomina, se por acaso a sua honra e a do seu povo está ameaçada.

Os graves acontecimentos, que datam da chegada do principe Menschikoff a Constantinopla, estão bastante presentes a todos para que seja necessario recordal-os aqui. Seja qualquer a opinião, que se fórme a este respeito, ninguém deixará de concordar, que a attitude de Sultão, á vista dos novos perigos que têm ameaçado o seu imperio, é digna d'elle, e em conformidade com as primeiras promessas do seu reinado.

Abdul-Medjid tem 31 annos de idade, mas parece um pouco mais velho por causa da sua barba negra e do parecer um tanto abatido. A sua physionomia é grave e distincta, a sua estatura esvelta e alta, o peito desenvolvido. Tem um olhar penetrante, o rosto muito regular, o ar timido e mesmo até um pouco triste, mas parece, segundo um historiador bem informado, que está bem longe de o ser. É alguma cousa picado das bexigas, mas este defeito é muito pouco visivel, e remedeia-se segundo o costume do harem, nos dias em que sae a publico, por meio de *cosmeticos* destinados para este fim.

Eis-aqui o modo como appareceu indo á mesquita, segundo o costume, na sexta feira, e poude ser observado por um auctor muito competente, Theophilo Gauthier. Uma extrema saciedade se lia no seu rosto pallido. A consciencia de um poder irresistivel dava ás suas feições, aliás mui pouco regulares, uma tranquillidade um tanto marmorea. Os olhos fixos, em uma especie de espasmo, penetrantes e carregados, vendo tudo, e não olhando pa-



ra objecto algum; uma barba pouco espessa, curta e escura, cercava esta especie de mascara triste, imperiosa e resignada.

Quanto ao seu vestuario, que era mui simples, compunha-se de uma especie de *paletot* de panno azul-escuro, de uma calça branca, botas de polimento e de um *féz*, onde o penacho imperial de pennas de garça, estava prêso por um botão de enormes diamantes. Pela abertura do *paletot* viam-se brilhar no seu

peito algumas condecorações. O grito de *viva o Sultão* foi levantado em côro pelos soldados com um verdadeiro enthusiasmo.

Abdul-Medjid é fundador da ordem imperial de *Medjidié*, dividida em cinco classes, e consistindo em um sol de prata com sete raios trazendo o nome do Sultão, e por divisa estas tres palavras = *zêlo, dedicação e fidelidade*.

## VIAGENS

### A PASSAGEM DO NORTE

(Continuado de pag. 211 do 7.º n.º)

(CONCLUSÃO)

**I**MPOSSIVEL lêr estas simples linhas sem commoção, sendo bem facil imaginar os transportes de alegria e reconhecimento, que haviam experimentar estes corajosos marítimos.

Depois de tantos perigos vencidos, e na mesma occasião em que iam experimentar outros ainda maiores, depois de uma prisão que durava havia tres annos, e de que não podiam calcular o termo, um milagre os restituia aos braços dos seus compatriotas e amigos.

Não ha livro algum em que se encontre uma passagem mais bella do que este cordial apêrto de mão, dado por dois marítimos que se encontram n'uma extremidade do mundo, onde os homens nunca tinham chegado, e de que tinham forçado a passagem, indo por dois pontos oppostos.

Desde o dia immediato, como já dissemos, o tenente Pim se havia posto a caminho com o capitão Mac-Clure em direcção à *Resoluta*, que estava distante ainda 170 milhas. Doze dias gastaram para vencer esta distancia.

Os projectos do capitão ficaram por este fa-

cto alterados, e a gente que tencionava mandar em duas expedições separadas, foi toda junta para a *Resoluta*. Eram os homens que se achavam mais doentes e mais cansados, e tambem, como pela grande distancia era mui difficiloso que o *Investigador* fosse à bahia da *Misericordia* metter mantimentos, o capitão Mac-Clure estava resolvido, em todo o caso, a não conservar mais do que 20 ou 30 homens. O tenente Cresswell foi encarregado de conduzir os outros a bordo da *Resoluta*; com muita fadiga, e grandes difficuldades, chegaram lá a 2 de Maio, e receberam todo o agasalho e bom tractamento, que era de esperar.

Como dos 24 homens, 22 tinham escorbuto, o tenente Cresswell, cuja resolução equalava a saude, que felizmente era optima, partiu ainda por cima do gelo para ir ganhar, a través do estreito de Barrow, a ilha de Beechey, onde estavam alguns navios, para mandar de lá noticias da expedição para Inglaterra. Foi elle mesmo que as levou a este ponto.

Desde este momento não ha mais noticias



do capitão Mac-Clure e dos 25 a 30 homens, que ficaram com elle. O capitão devia, quando deixasse a *Resoluta*, voltar para o seu navio na bahia da Misericordia.

O seu plano estava decidido, e fez as competentes communicações ao almirantado para que este podesse proceder com todo o conhecimento de causa.

Assim, no caso em que o gèlo se partisse este verão, e lhe permittisse sair da bahia para entrar no estreito de Barrow, devia, se achasse a passagem livre, dirigir-se directamente para o canal de Lancastre, o qual, como é sabido, leva à bahia de Baffin. Se por ventura, saindo da bahia, achasse o gèlo ainda concreto, do lado do canal de Lancastre, tocaria no porto Leopoldo, onde ha um deposito de mantimentos, tomaria ahi provisões para um anno, e arriscar-se-hia a ficar mais um inverno nos gèlos.

No caso em que o gèlo da bahia da Misericordia não chegasse a derreter-se, e por consequencia livesse de se demorar ahi até á primavera de 1853, eis-aqui qual é o seu projecto, que podêmos seguir no mappa. No mez d'abril de 1854 deixará definitivamente o seu navio, e dirigir-se-ha a través dos gèlos até ao porto Leopoldo, onde ha um bote bom, uma casa e viveres. Quando chegar a estação em que se possa navegar, seguirá em o seu bote a costa do sul do estreito de Barrow, até à bahia de Pond, que é na extremidade da bahia de Baffin e do canal de Lancastre onde quasi sempre se encontram alguns navios baleeiros. Se por acaso alli os não encontrar, correrá ao longo da costa occidental da bahia até chegar em frente de Disco, onde ha de passar, e ahi embarcará n'algum barco dinamarquez, ou então esperará a estação seguinte.

Em todo o caso, se quizerem mandar alguma embarcação à sua procura, é no porto Leopoldo que hão de encontrar noticias do capitão, ou, pelo menos, vestigios da sua passagem, e uma indicação do seu itinerario.

Se nada se souber alli a seu respeito, então perdeu-se, e procural-o seria tão sómente sacrificar vidas preciosas. É o que elle proprio explica com uma admiravel simplicidade.

« Se não se acharem alli noticias nossas, pôde concluir-se, com toda a certeza, que nos succedeu alguma catastrophe, quer tenhamos sido arrojados para o mar do pólo, quer tenhamos perecido todos no estreito de Barrow.— N'este caso, de que me não quero lembrar, será completamente inutil navegar mais para diante no rumo de oeste, para nos levar soccorro, porque antes que navio algum ahi po-

desse chegar, teriamos morrido todos pela falta de mantimentos, e então aconselharia antes, que se dêsse ordem ao commandante d'esta expedição de voltar para traz, e não se arriscar a perder outras vidas à procura de pessoas que já terão morrido com toda a certeza.»

Ha mais de um anno, que o capitão Mac-Clure escrevia isto, e o que é mais provavel, é que esteja ainda na bahia da Misericordia, sempre retido pelos gèlos. Mas conserva-se naturalmente n'este ponto com a mesma coragem infatigavel, que o levou lá, e que o fará de certo sair, pois que conserva o sentimento, que o levava a dizer: « Se Deus tivesse querido fazer-nos morrer, não nos teria mostrado tão numerosas e tão grandes misericordias. »

Acompanharemos agora o tenente Cresswell na sua ultima excursão. Partiu do *Investigador* a 15 de abril com 24 homens, e quando se apartaram dos seus camaradas, foram saudar com tres *hurrahs* á ingleza, em signal de despedida. Tinham um trenó no qual estava a bagagem e um doente. Em um dos dias de marcha notaram que um dos homens tinha ficado no caminho; era um pobre marinheiro que o frio havia tornado quasi doido. Voltaram para traz, e acharam-no meio enterrado n'um monte de gèlo. Foi necessario amparal-o para poder dar alguns passos; assim mesmo deitava-se a cada momento em a neve, e tiveram de o trazer em o trenó.

A 30 d'abril, viram vir ao seu encontro o tenente Pim e um marinheiro da *Resoluta* com um trenó e alguns cães, e chegaram a bordo, como já dissemos, a 2 de maio.

Alguns dias depois, o tenente Cresswell se pôz a caminho com 12 homens, levava os officios do capitão Mac-Clure. Chegaram a 2 de junho a bordo do *North-Star*, na ilha de Beechey. Tinham andado 300 milhas sobre o gèlo, e quasi 500, se contarmos da bahia da Misericordia. Um mez depois, o *Phoenix*, chegado de Inglaterra, os recebeu a seu bordo. Não estavam ainda no fim dos seus trabalhos. Logo no dia seguinte o *Phoenix* foi batido por um furacão que impellia o gèlo com tal força, que o *Beadalbane*, que elle rebocava, foi literalmente feito em pedaços. Foi obra de um momento, e a equipagem não teve tempo para mais do que saltar para o gèlo. D'aqui se pôde ajuizar o genero de perigos a que diariamente estão expostos os navegadores arcticos.

Foi n'esta mesma tempestade, de 19 d'agosto, que morreu o infeliz tenente Bellot da marinha franceza, e que excitou em França e In-



glaterra o mais vivo interesse. Bellot tinha já pertencido á primeira expedição mandada á procura de Franklin, e o anno passado, quando o *Phoenix* partiu para a bahia de Baffin, sollicitou ainda a honra e o privilegio de tomar parte nos seus perigos.

O *Phoenix* queria communicar com sir Edouard Belcher, que estava em o canal Wellington, e Bellot pediu ser o portador dos officios a través dos gélos. Tinha partido com quatro homens e uma pequena canôa de *caoutchouc*. Uma violenta rajada de vento separou o gélo da costa; Bellot mandou dois dos seus homens a terra, na canôa, mas no mesmo instante o gélo se poz em movimento, e o levou com seus dois ullimos companheiros.

Caía neve em abundancia. Bellot mandou fazer duas pequenas barracas com esta substancia, e nas quaes se accommodaram os dois marinheiros em quanto elle ia em pessoa á descoberta. Como não tornasse a apparecer, os seus companheiros foram procural-o; viram a sua bengala no fundo d'um largo rigueirão, e em sitio onde o gélo vinha despedaçar-se de todos os lados. Tinha sido, com certeza, deitado alli pelo vento, e não o tornaram a vêr mais. Os dois marinheiros, depois de terem andado mais de 30 horas á procura d'elle, encontraram os seus dois camaradas, e poderam, quasi por milagre, ir novamente parar ao navio.

Bellot era muito estimado pelos seus companheiros de todas as classes, e são bem sabidas as demonstrações de respeito e de saudade, que se tributaram á sua memoria.

A 23 d'agosto, o *Phoenix* deixou a ilha de Beechey, e a 4 de outubro o tenente Cresswell estava em Thurso, na extremidade norte da Escossia, d'onde em 53 horas chegou a Londres pelos caminhos de ferro, sendo o primeiro que teve a insigne honra de ter com-

pletado a passagem pelo mar arctico, de um lado ao outro do continente americano.

Ha *utilitarios* que em presença do resultado, ainda vago e incerto, d'estes magnificos esforços de coragem humana, fazem logo esta usual e tão prosaica pergunta: « Para que serve isto? Para hoje, para o momento actual, podem ter razão. »

É certo que se a passagem pelo mar do pólo se descobriu, ainda se não poude tornar praticavel. Alguns aventureiros atrevidos abriram para si um caminho a través dos gélos; mas ainda o não tornaram possivel aos pacotes de algodão e ao panno crú. Esta muralha impenetravel, que o intrepido Mac-Clure achou diante de si, ha quasi 40 annos que Parry a encontrou tambem; e tudo leva a acreditar, que nunca chegou a destruir-se.

Comtudo, mesmo debaixo do ponto de vista utilitario e pratico, quem podera, quem se atreverá a dizer, que a sciencia moderna, senhora já de tantos prodigios, não achará em sua fecundidade um novo meio de vencer as forças da natureza? Quem poderia ainda hontem adivinhar as maravilhas realizadas pelo vapor e pela electricidade?

Não sabemos o que se achará, mas sabemos que ha de achar-se alguma cousa. Em todo o caso devemos ficar bem persuadidos, que as boas accões nunca são perdidas. Tudo quanto serve a dar ao homem o sentimento da sua dignidade, tudo quanto desenvolve a sua energia, tudo quanto dá ás suas faculdades a sua mais sublime expressão, não é inutil, e não é perdido nem n'este mundo, nem no outro; e os heroicos navegantes, que abandonâmos aqui em o seu tumulo de gélo, podem repetir o que dizia ha tres seculos um dos seus antecessores: « *Heaven is as near, by water as by land:* » isto é, tão bem se vae ao ceo por agua como por terra.

Depois de concluido este artigo, lêmos nos periodicos de Paris de 5 de outubro ullimo, a seguinte noticia, que vem terminar a nossa narração.

« No dia 27 de setembro entrou no porto de Queenstown o navio *Phoenix*, trazendo a seu bordo o capitão Mac-Clure, o intrepido viajante, que acaba de descobrir a passagem pelo noroeste para o mar do pólo, e que ha

tanto tempo se procurava. » As equipagens recolheram todas para Inglaterra por ordem de sir Edward Belcher, e o *Investigador*, e os outros navios da primeira e segunda expedição, não se podendo tirar do gélo, ficaram abandonados em diversas latitudes.

Apenas se ficou ignorando o destino do navio *Empresa*; mas Mac-Clure julga que se não perdeu.



## VIAGEM AO MAR VERMELHO

(Continuado de pag. 146 do 5.º n.º)

(CONCLUSÃO)

**D**o fundo azulado do mar se destaca o minarete d'uma mesquita em ruínas; uma verdadeira floresta de mastros, em que fluctua o estandarte do propheta, quasi que encobre um grupo de casas baixas assentes sobre os rochedos da praia, é a cidade de Djedda, que fórma a ultima estação da caravana, a ultima paragem da devota romaria, ou peregrinação a Meka; porque um areal arido e esteril é o que conduz d'ahi em diante á cidade santa. Por toda a parte o terreno está juncado de barracas, de dromedarios, de grupos de peregrinos, e todos desde o rico osmanli até o negro de Marrocos, selvagem coberto de farrapos, trazem o turbante verde, signal característico da santa viagem. Os tumulos dos fieis e uma grande quantidade de ossadas de dromedarios, que morreram extenuados de cansaço, indicam a estrada, aos lados da qual os mendigos e os *derwiches* exploram a caridade musulmãna, uns, mostrando ulceras hediondas, outros, offerecendo aos passageiros, em uma especie de extasi beatifico, grosseiros rosarios, de que hão-de fazer uso nos santos logares. No fundo do valle apparece o deserto em todo o seu horror, não o deserto tal como os pintores e os poetas o representam, mas uma planicie immensa e esteril, coberta de pequenas pedras polidas e brilhantes, e cortada em varios sitios pelas arestas dos rochedos. N'estas desoladas solidões não ha cousa alguma que lembre a vida; nas suas orlas apparecem ainda pequenas plantas enfezadas, ou, quando muito, algumas palmeiras que se encurvam ao sopro da brisa que transporta de umas para outras as suas amorosas caricias; o chacal e a hyena divagem como senhores por estes sitios selvagens; e se por acaso a gazella fugitiva se atreve a apparecer na estrada é para se esconder logo nos mais proximos rochedos.

A seis legoas de Djedda, no fundo d'este estreito valle, está a Meka, a patria de Mahomet; o terreno vulcanisado que a rodêa indica a acção de fogos subterraneos hoje já

extinctos; e no entanto é no centro d'este recinto de rochedos escuros que se occulta o thesouro de graça, que os musulmanos vem procurar de todos os pontos do mundo. Aqui tudo é sagrado! Sobre estes rochedos, n'esta poeira, quantas frentes se têm humilhado sob o poder da fé! No meio de todas estas povoações devoradas d'uma ardente piedade, as portas mesmo d'estes monumentos sagrados, causa admiração como esta crença se extingue e empallidece á luz do christianismo, e vê-se a razão por que a Europa duvida hoje da vitalidade d'um imperio cuja moral e civilização se podem considerar um reflexo das suas crenças religiosas.

Em os tempos os mais remotos, a Arabia seguia o culto primitivo dos patriarchas; algumas tribus isoladas praticavam mesmo a idolatria; quando as leis de Moisés, o christianismo e as diferentes heresias alli penetraram em varias epochas, os espiritos pouco firmes na sua crença estavam promptos a receber uma doutrina nova. A Arabia precisava de um apostolo, teve um reformador!

Mahomet appareceu!... Rico das poesias e das tradições da sua tribu celebre entre todas por lhe pertencer a guarda da Kaaba, escreveu as maximas do Coran e reuniu em a Sonna, as decisões dos jurisconsultos e dos theologos, offerecendo estes dois livros santos como as bases divinas e humanas da nova religião. E aqui, n'estes dois livros que encerram as leis moraes, civis e militares, que é preciso ir procurar a origem da civilização arabe.

O primeiro dogma que Mahomet reconheceu foi o da unidade de Deus; mas em virtude do seu odio á religião de Jesus-Christo, esforçou-se com toda a subtilidade d'um habil dialectico em concentrar todos os attributos da divindade em a unidade absoluta, separando assim para sempre o dogma mahometano do dogma christão: não obstante isto, a idéa teve proselitos, destruiu a idolatria arabe, e o islamismo recebeu esse impulso vigoroso que o fez brilhar na sua origem.

O dogma da predestinação absoluta, ainda



que contrario ao texto do Coran e ás tradições da Sonna, tornou-se a crença desoladora e fatal a que se submete a immensa maioria dos mahometanos; é a influencia d'esta doutrina dos povos do Oriente que devemos attribuir a sua indolencia nos objectos que dizem respeito á vida privada, e a sua pouca energia nos actos da vida politica. Curvados sob o supposto influxo d'um destino cego, se uma ou outra vez, uma energia febril os leva a acções vigorosas, ao primeiro obstaculo esta excitação os abandona, e ao primeiro revez caem em uma indolencia que os leva a sujeitarem-se á vontade do aggressor.

Entre o recinto dos rochedos sagrados, a meia milha de distancia pouco mais ou menos, principia a avistar-se a cidade das cidades: a Meka, capital do Hedjaz, pôde parecer muito bella aos olhos dos viajantes que não conhecem mais do que as ruas estreitas e tortuosas que formam as cidades arabes. Ruas largas e casas altas, cuja brancura assás incommoda á vista é apenas interrompida por algumas janellas verdes, de que os vidros são substituidos por largas folhas de palmeira entrelaçadas, taboinhas de diversas côres cobrindo as janellas, onde á tarde vem respirar-se o ar fresco da tarde, tudo isto dá a alguns bairros de Meka um aspecto que se não encontra senão nas grandes cidades do Oriente.

No primeiro plano, os palacios, e as escolas elevam os seus muros acima dos terraços uniformes das outras casas; mais longe, banhos, hospedarias, abarracamentos, onde se podem accommodar caravanas inteiras, vão subindo em amphitheatro até ao pé dos rochedos.

As ruas d'arêa e não calçadas estão cobertas de um pó fino que o menor sopro da brisa faz levantar em espesso turbilhão. A estes inconvenientes communs a todas as cidades do Oriente vem juntar-se a escassez d'agua, que ainda quando se encontra, é estagnada, e nauseabunda, posto que sobre uma das collinas se distinguam ao longe as ruínas de um aqueducto, mandado construir pela bella Zobeida, esta esposa favorita do heroe das mil e uma noites. N'este ingrato terreno, que não pôde sustentar os seus habitantes, o commercio pôde-se dizer nullo; toda a industria se reduz ás hospedarias, e á venda de ricas fazendas de que todos os fieis têm o maior empenho em pendurar um pedaço nos muros venerandos da santa Kaaba.

No meio da cidade que occupa um circulo de que o diametro poderá ter um kilometro, se eleva o templo a que ella deve a sua ce-

lebridade. A mesquita, composta de um numero infinito de construcções de todos as edades, tem a fórma de um immenso parallelogramo, cujos muros, despidos de todo o ornamento, são simplesmente caiados; dezenove portas sempre abertas permitem a entrada aos fieis.

Em a fachada do norte corre uma galeria, que abre para o exterior, que é formada de uma serie de columnas sustentando arcadas em estylo gothico: é para alli que se fazem transportar os doentes, que desejam morrer ao abrigo dos porticos sagrados: finalmente, sobre o edificio se elevam, irregularmente collocados, sete graciosos minaretes, que é um numero mysterioso.

É só entrando na mesquita, que se pôde conhecer o seu immenso desenvolvimento: mais de mil columnas de altura de 30 pés, feitas dos mais preciosos marmores, sustentam, juntamente com os arcos exteriores, tres ordens de abobadas formadas por arcadas gothicas, e de volta inteira, o que destroe toda a unidade de pensamento na construcção do edificio: alli, os fieis alumiados de dia e de noite, por alampadas de prata massiça, cumprem as ceremonias da religião mahometana.

No meio do atrio se eleva o templo sagrado da Kaaba, o mais antigo monumento religioso conhecido no mundo, e dizem que edificado por Abraham para o culto do Deus verdadeiro. Este edificio, construido com as rochas escuras, que ha nos mesmos arredores, tem a fórma de um cubo de quasi 25 pés de lado. Uma rica armação preta o cobre todo o anno, excepto durante os dias do Rhadaman. No interior apresenta uma vasta sala, calçada de preciosos mosaicos, e em cujos muros brilham, continuamente esclarecidas pela luz de lampadas de ouro massiço, algumas maximas do Coran.

No mesmo atrio se encontram ainda diversas construcções massiças, servindo de sepulturas aos santos mais venerados dos musulmanos; entre estes, distingue-se a esquerda de Kaaba, um monumento quadrado, coberto por uma cupula, e encerrando uma nascente d'agua fresca e limpida.

«É aquella, diz a tradição, que ás supplicas d'Agar perdida no deserto, brotou d'entre as arêas abrasadoras para revocar á vida, seu filho Ismael, o pae dos arabes. Por cima da porta principal vê-se ainda uma pedra preta mettida na muralha, fazendo saliencia de algumas pollegadas. Este marmore, objecto do culto mais antigo, é aquelle que, muito tempo antes de Mahomet, os arabes vinham beijar como um precioso fragmento do roche-





A CIDADE DE ADDEN

do, trazido a Abraham pelos Anjos quando elle estava construindo o santuario da Kaaba. Para o lado do norte, o pequeno valle continúa a serpentear pelo meio da arêa e dos rochedos; na estrada distinguem-se ainda caravanas de peregrinos, dirigindo-se a Medina para adorar alli o tumulo do propheta.

Esta viagem não é obrigatoria, e não está comprehendida no rito da santa peregrinação.

Medina, segunda cidade do Hedjaz, está collocada no limite do grande deserto arábico. Distante de Meka quasi 100 leguas, goza com esta cidade do triste privilegio de viver das esmolas dos fieis; foi alli que Mahomet, expulso da sua cidade natal, veiu pregar a nova doutrina no mesmo sitio onde hoje se eleva o seu tumulo.

O templo, construido segundo o mesmo plano do de Meka, é muito mais pequeno: no centro do adro se elevam duas palmeiras muito veneradas, porque foram dispostas pela propria mão do propheta; perto d'ellas, e jun-

to à galeria do norte, apparece um zimbório sustentado por columnas de marmore branco. O terreno todo em volta está juncado de ricos lapetes; entre as columnas, uma grade muito junta, e um espesso cortinado de damasco verde não permitem que se veja o tumulo do propheta. Alli tambem dormem, ao lado d'elle, os seus discipulos, Omar e Abou-Beckr, que devem no dia do juizo final, ser acordados por Jesus Christo, annunciando do alto d'este monumento o fim dos seculos; junto ao seu tumulo existe ainda o pulpito, que serviu a Mahomet para as suas primeiras pregações.

A cidade, pequena e mal construida, estava rodeada de uma triplice ordem de muralhas, hoje pela maior parte caidas; no centro existe uma cidadella, onde fluctua a bandeira egypcia.

Taes são os logares santos, os monumentos sagrados, cuja posse disputada à Porta pelo Egypcio victorioso, em 1828, esteve a ponto de perturbar a paz do mundo.





## A HOSPEDARIA DE S. NICOLAU EM NOVA-YORK

(Continuado de pag. 221 do 7.º n.º)

(CONCLUSÃO)

Já fallámos da riqueza da mobilia, diremos agora que, em toda a casa, desde o primeiro até o quinto andar, os pés só pizam os mais ricos tapetes: ha-os até nos corredores.

A somma total, gasta com a mobilia da hospedaria de S. Nicolau, foi de um milhão e quinhentos mil francos (300,000,000 rs.)

Ouvimos já a maior parte dos nossos leitores vendo a descripção d'este sumptuoso palacio americano, destinado aos viajantes, dizer: «Tudo isto é muito bello, concordámos, mas não será para todas as pessoas o ter accesso a esta habitação encantada.»

É um grande erro.

Os quartos completos custam, conforme o andar e a posição, desde 10 até 50 francos por dia (2,000 a 10,000 réis), e n'esta paga se incluye gaz, banho, serviço dos criados, etc. A comida custa para cada pessoa 7 francos, 50 cent. (1,500 rs.).

Se o viajante occupa um só quarto em qualquer dos andares que seja (os que chegam primeiro são sempre os mais bem servidos), não pagará pela casa, sustento, luz, lume para se aquecer, etc., mais do que 12 francos, 50 cent. por dia (2,500 rs.).

Quereis saber o que se intende pelo *sustento* em S. Nicolau? Ouvi.

Desde as 7 horas até ao meio dia ha mèsna redonda para o almoço de garfo. A lista está diante do hospede, não tem mais do que mandar vir o que quizer, *beefsteak*, gallinha, filetes de caça, chá, chocolate, café, etc., tudo com a maior profusão. Desde o meio dia até ás duas horas serve-se o *lunch*. Das 2 ás 3

e meia é o jantar para os que querem comer mais cedo e sós. Mas ás 5 horas toca a sineta, as portas da casa de jantar abrem-se de par em par, e começa a servir-se esse sumptuoso jantar de que acima fallámos. Mas isto ainda não é tudo. Das 7 horas ás 9 da noite vem o chá, acompanhado de doces de toda a qualidade, carnes salgadas, salchichão, fiambre, etc. Finalmente, das 9 horas á uma da manhã, uma ceia fria espera os hospedes que voltam do theatro, do baile, de um passeio mais demorado, ou mesmo os viajantes que os caminhos de ferro e os barcos a vapor trazem áquella hora a Nova-York.

Algumas particularidades interessantes acabarão este quadro.

O serviço de S. Nicolau é feito por 230 criados, que durante o verão são ajudados por mais 100.

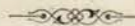
As despezas diarias do estabelecimento montam, uns dias por outros, a 6,000 francos (1,200:000 rs.).

Nunca ha menos de 500 a 600 pessoas a dormirem na hospedaria.

Durante o verão este numero nunca baixa de 800.

Do lado da rua de Mercer se acham as cavallariças, que podem alojar de 100 a 150 cavallos e 40 carruagens.

O valor do terreno, em que está assente o edificio, é de dois milhões de *dollars*, a sua construcção custou approximadamente outro tanto, o que quer dizer, que ha n'estas duas verbas uma despeza total de mais de quatro mil contos de réis.





## ILLUSTRAÇÕES POLITICAS CONTEMPORANEAS

## ALEXANDRE MAUROCORDATO

PRESIDENTE DO CONSELHO DE MINISTROS DE S. M. O REI DA GRECIA



ALEXANDRE Maurocordato nasceu a 15 de fevereiro de 1791, em Constantinopla. Sua mãe era a princeza S. Caradja, de que a familia ja tinha dado muitos *hospodares* a Vallachia. Descendia em linha recta, por seu pae, do grande interprete da Porta, Alexandre Maurocordato, que adquiriu tanta celebridade nas sciencias, como na politica, em os fins do 17.º seculo, e a quem o imperador Leopoldo 2.º concedeu o titulo de conde do imperio, pela sua cooperação na defesa de Vienna, quando esta cidade esteve sitiada pelo grão-vizir Kara-Mustapha, em 1683. O filho de Alexandre, Nicolau, nomeado em 1709 *hospodar* da Moldavia, em lugar do principe indigena Poukovitza, e depois da Vallachia, (1716), foi o primeiro d'essa serie de principes Fanariotas, que governaram as provincias moldo-vallachias.

A educação de Alexandre Maurocordato, como a de todos os moços gregos, destinados pelo seu nascimento ás mais importantes funcões do governo e da diplomacia, foi dirigida com o maior cuidado. Estudou, parte na casa paterna, parte na eschola de Kourou-Tchesnié, ha pouco fundada por Demetrius Morousi, em uma pequena aldéa do Bosphoro, que gozava n'esta epocha de uma grande reputação pela sua cadeira de philosophia. O mancho fez-se logo notar pela sua aptidão para o estudo das linguas: aos 10 annos, Alexandre Maurocordato, digno emulo de seu avô, fallava e escrevia com igual facilidade, o grego, o turco, o persa, o francez e o italiano. Juntou depois ao conhecimento d'estas linguas o do allemão e do inglez.

Em 1817 seguiu ao Bucharest, na qualidade de secretario, a seu tio materno, João Caradja, que havia sido nomeado *hospodar* da Vallachia, e chegou, em poucos annos, aos postos os mais elevados da administração. N'aquella cidade, foi iniciado, pela primeira vez, na associação que se tinha formado com o fim de preparar a regeneração da Grecia, e que começou a tomar importancia por esta epocha. O seu nome estava inscripto na lista dos membros, que formavam o conselho secreto da associação, na letra Xi, correspondente à decima-quarta do alphabeto.

Quando no fim de 1818, o principe Caradja deixou de repente os principados, onde foi substituido por Alexandre Soutzo, Maurocordato, desligado de todo o compromisso para com elle, percorreu as terras principaes da Europa, e veiu por fim estabelecer-se em Pisa, onde não tardou em reunir-se-lhe Q. Argyropoulo, o arcebispo Ignacio, e muitos outros gregos de distincção, dominados, como elle, pelo desejo de libertar a patria.

Foi durante este tempo que esteve em Pisa, que o imperador Alexandre, com quem se havia encontrado, na primavera de 1818 na Bessarabia, quando tinha sido encarregado de comprimentar este principe da parte da Porta, lhe mandou offerecer o entrar no serviço da Russia com vantagens consideraveis. Maurocordato, exprimindo ao imperador toda a sua gratidão pela lembrança, que Sua Magestade conservava d'elle, recusou este offerecimento, que o impediria de desempenhar a empreza a que tinha consagrado a sua existencia.





ALEXANDRE MAUROCORDATO

Assim mesmo, quando passado algum tempo, o chefe dos revolucionarios, Alexandre Hyprilantis, depois de ter invadido a Moldavia, o convidou a vir ter com elle, Maurocordato recusou tomar parte em uma operação, a que não agourava bom resultado. No seu parecer, se a insurreição tinha algumas probabilidades de triumpho, não era sobre as margens do Danubio, nem em constantinopla, mas sim na propria Grecia, no centro das populações bellicosas de Mægre, e de Macedonia. « Nada ha a fazer na Vallachia, escrevia elle a Hyprilantis. Dae-vos pressa, se podeis, em atravessar a Servia, lançae-vos na Macedonia, alli é o verdadeiro terreno. »

Elle mesmo deu o exemplo.

A 10 de julho de 1821, no proprio dia em que a noticia da morte de Napoleão se espalhou em Marselha, um navio grego, com bandeira russa, entrava no porto, era um brigue d'Hydra, que havia partido ultimamente de Leviesnio, carregado d'armas e munições com destino para a Moréa.

Este brigue levava Maurocordato e seus companheiros, que vinham reunir-se em Marselha com alguns dos seus compatriotas, que haviam saído das universidades de França e Allemanha, e uns 50 francezes e piemontezes apaixonados dos gregos, e quasi todos saídos das fileiras do exercito. (Continúa).



## LITTERATURA

## O PEQUENO JOAS

## HISTORIA SOBRENATURAL

(Continuado de pag. 106 do 1.º n.º)

## IV

## Pobre Pierrot!

Spalhou-se dentro em pouco pelos arredores a historia de Pierrot, e da sua pouca fortuna, e foi um motivo de afflicção, não só porque era estimado por todos, mas tambem por causa da privação, que d'ahi provinha aos freguezes. Com effeito, a datar d'aquelle momento, o tio Surin nunca mais foi tocar o orgão á missa do dia: ninguém mais poude ver sua filha, e dizia-se até, que não tornaria a apparecer na egreja, senão no dia do seu casamento com o filho de um lavrador abastado, que lhe arrastava a aza.

Esta noticia levou a morte ao coração do pobre Pierrot. Caiu doente, começou a definharse de dia para dia, e chegou, pouco a pouco, a um verdadeiro estado de consumpção.

Quando o pequeno Joas viu que tudo isto era serio, e que o seu amigo tinha, como o havia dito, uma doença de que podia morrer, caiu tambem n'uma tristeza profunda. Contava a todos a sua afflicção, e a todos perguntava como poderia salvar o seu pobre Pierrot; mas todos lhe respondiam, que, não dando o tio Surin o seu consentimento, nada havia que se lhe podesse fazer.

Um dia pela manhã, sem dizer nada a ninguém, saiu muito cedo, e foi primeiro rezar muito tempo na egreja; depois dirigiu-se a casa do tio Surin. Quando lá chegou, pôz-se a passear algum tempo antes de se atrever a tocar a campainha, e, quando o fez, foi tão devagar, que teve de o repetir mais duas vezes. Finalmente, vieram abrir-lhe a porta. — Perguntou pelo sr. Surin, e, tão assustado estava, que quasi que chegou a desejar, que

não estivesse em casa; mas disseram-lhe que acabava de chegar de fóra, e mandaram-o entrar.

— Bons dias, sr. Surin, disse o nosso menino do côro, com uma voz suave, e cumprimentando-o timidamente.

— Oh lá! bons dias, meu pequeno Joas, disse o tio Surin, que estava realmente encantado de o ver, porque gostava muito d'elle; ainda bem que te lembraste de me fazer uma visita!

— É uma visita interessada, sr. Surin, disse Joas, juntando as mãos com ar supplicante, venho pedir-lhe um favor.

— E que favor, meu rapazinho? havia de me custar muito a dizer-te que não, porque sou teu amigo, e sinto deveras não te ouvir já cantar.

— Tanto melhor se está em tão boas disposições para commigo, disse Joas cobrando algum animo: venho pedir-lhe.....

— O quê?

— Venho pedir-lhe que tenha a bondade de dar a sua filha em casamento a Pierrot.

O tio Surin deu um pulo.

— A minha filha! Como é isso? E foste tu que te encarregaste de uma commissão semelhante?

— Que quer, sr. Surin? Pierrot é meu amigo, e se lhe não dá sua filha, verá que morre com toda a certeza.

— Ah! Ah! Ah! Qual morrer, nem meio morrer! disse o tio Surin rindo-se; não morre, não! Depois com um ar muito serio, e pegando nas mãos de Joas: escuta, meu amigo, tu vens-te metter n'uma cousa com que não tens nada.

— Com que não tenho nada!? Mas se eu lhe estou a dizer, que o pobre Pierrot não escapa?..... E o pequeno poz-se a chorar.

— Se soubesseis como está mudado! como está pallido, como se váe definhando cada vez mais! Eu só queria que o sr. Surin



o podesse ver e mais a menina Angelica....

— Minha filha tambem! Era o que faltava! disse o tio Surin. Havia de ter que ver! Olha, meu menino, tu não entendes nada d'isto.

— Seguramente, não entendo nada; só sei que o querem matar.... Em nome de Deus, sr. Surin, tenha dó d'elle!

E lançou-se aos pés do tio Surin, abraçou-lhe os joelhos, e chorando rios de lagrimas.

— Ora vamos! vamos! disse o tio Surin, que não podia deixar de se enternecer, não pela desgraça de Pierrot, em que não acreditava, mas pelo desgosto do pobre menino, vamos! basta! Levanta-te, meu Joas, enxuga os olhos, e não fallemos mais n'isso; é uma cousa que não pôde ser.

— É a sua resolução definitiva? disse Joas.

— É, sim!

— Quer ter então que se arrepender da sua morte?

— Quanto a isso fica socegado, esse remorso não me ha de tirar o somno.

E pegou na mão de Joas, para o acompanhar a porta.

— Não te quero mal por isto, meu rico menino, disse-lhe elle, dando-lhe um beijo na testa. Tu pensaste que fazias bem, e deixaste-te guiar pelo teu bom coração; mas olha bem o que te digo; não te mettas mais nos negocios dos outros, especialmente em negocios d'este genero.

Depois, como via que elle se ia dirigindo para o pateo, disse-lhe:

— Não, não, é melhor que saias pelo jardim, é mais perto. Ha de estar a porta pequena aberta.... Adeus!

— Adeus, sr. Surin, Deus lhe toque no coração.

O nosso pobre menino, afflicto com o nenhum resultado da sua tentativa, atravessou lentamente o jardim sem olhar, como costumava sempre fazer, para os canteiros cheios de flores, e para os peixinhos vermelhos que nadavam no tanque.

Tinha chegado a um bosquesinho, perto da porta, quando de repente a menina Angelica lhe appareceu diante. Lançou-se-lhe, por assim dizer, ao pescoço, apertou-lhe a cabeça nas mãos, e cobriu-o de beijos, dizendo-lhe:

— Meu pequeno Joas, como tu és bonito, como tu és bom! meu anjinho, Deus te abençoará!

E desapareceu logo pela rua tortuosa, que conduzia a casa. Joas ficou alguns instantes immovel, não podendo tornar a si da sua surpresa; depois saíu e proseguiu no seu caminho, pensativo e entregue às reflexões, que talvez nunca tivesse feito.

A menina Angelica tinha-o tratado sempre com muito carinho, mas nunca lhe havia dado demonstrações de ternura semelhantes aquellas. Depois trazendo á memoria a sua appareção subita, que não podia ainda explicar, recordou-se de uma cousa: Angelica tinha os olhos vermelhos como se houvesse chorado muito.... Porque tinha ella chorado? Não era pelo ter visto chorar a elle, porque não estivera presente á sua entrevista com o tio Surin.... Teria por acaso ouvido tado? mas como? e se ouviu.... teria ella interesse por Pierrot?....

Aqui o pobre menino fez parar as suas reflexões. Quer fosse porque houvesse visto alguma cousa, que a sua innocencia não podia comprehender, quer por temor de se entregar a pensamentos que não devia ter.

Quando chegou foi vêr Pierrot, mas não lhe disse nada do passo que tinha dado.

Bem tinha dito o tio Surin ao sr. padre cura que lhe não faltariam maridos. Com effeito, desde que se soube nos arredores que queria casar a filha, isto é, uma rapariga bonita, bem educada e rica, o que é sempre cousa muito procurada, os namorados tinham apparecido em chusma, e com elles tambem, como pretendentes, os filhos dos lavradores ricos, os filhos dos negociantes bem afreguezados, os elegantes que viviam dos seus rendimentos, os que occupavam bons empregos publicos, etc., mas deu-se o caso, que a menina Angelica era, ácerca de marido, muito mais difficil do que poderia crêr-se, e do que o mesmo pae tinha imaginado. Um era muito alto, outro era muito baixo, este tinha um nariz assim, aquelle tinha os olhos vesgos. Se era louro, sustentava que tinha o cabello ruivo; se era moreno, achava-lhe um semblante duro e máu. Em fim, apresentou-se um tão formoso e tão bem feito, que todas as mulheres morreriam por elle; a este achou-lhe outros defeitos. A menina Angelica declarou positivamente que não casaria com elle, porque sabia com toda a certeza, que era um gastador, e que se deitava a perder ao jogo. D'esta vez o tio Surin perdeu de todo a paciência, e predisse á filha, que, se tivesse irmãos, havia de ficar para tia.

Quando na aldêa se soube, que a menina Surin fazia tantas ceremonias para casar, e que ninguem tinha a fortuna de lhe cair em graça, lá houve suas desconfianças de que por alli andasse sua inclinação por Pierrot. Más como o tio Surin declarava a quem o queria ouvir, que nunca consentiria em semelhante casamento, e que, por outro lado, se sabia que Angelica era muito bem criada, e muito obe-



diente, para se casar contra a vontade de seu pae, todos perguntavam como aquillo acabaria, e cada um lamentava o pobre Pierrot, que, durante este tempo, de' definhava, e ia marchando a galope para o outro mundo.

Pierrot tinha no pequeno Joas um amigo bem terno e bem fiel. Em quanto doente, o menino não tinha deixado de lhe prestar os seus cuidados. Deixava-o ás horas dos officios, da confissão, ou das suas lições em casa do cura; mas desde que se via livre, voltava para o lado do doente, contava-lhe historias, ou lia para o distrahir. Depois, como tratava tambem da sua salvação, aos domingos fallava-lhe da religião, do evangelho do dia, e repetia-lhe, quasi palavra por palavra, o sermão que o sr. padre cura recitára na missa.

Não havia desintelligencia entre os dois amigos, senão quando Pierrot queria fallar de Angelica. Nos primeiros tempos, Joas ralhava com elle; mas depois adoptou outro systema. Apenas o desgraçado nome se pronunciava, deitava-se de joelhos, e começava a dizer em voz alta: « Padre nosso que estas nos Ceus..... » de sorte, que Pierrot não tinha animo para continuar, e se punha tambem a rezar com seu amigo.

## V.

### O fio milagroso.

Um dia, por uma bella manhã de outono, os dois amigos estavam assentados ao pé da janella, que haviam aberto para deixar entrar o ar tepido e aromático do jardim, e para ouvir cantar os passarinhos.

Um d'estes fios, que fluctuam á mercê do vento, penetrou no quarto, e veio enrolar-se á roda da cabeça de Joas.

— Oh! meu pequeno Joas, exclamou Pierrot, como estás bonito assim! Pareces mesmo um anjinho! Quem te visse havia dizer, que a Virgem Maria te enviou uma corôa....

E como Joas ia levar a mão á cabeça....

— Não mexas, não mexas, disse Pierrot, espera! Levantou-se e correu a buscar um espelho, que pôz diante do seu amigo.

Joas nem ao menos se sorriu, como Pierrot esperava; ficou com ar muito serio, ergueu os olhos ao Céu, e rebentaram-lhe as lagrimas....

Depois levantou-se, e disse com modo alegre:

— Pierrot, é preciso ir dar um passeio.

— Dar um passeio! respondeu Pierrot com a indiferença, e a tristeza de um doente, como te veio essa lembrança? Apenas posso mexer-me no quarto!

— Irás encostado a mim! além d'isso o sol te dará forças. Tenho toda a certeza de que te ha de fazer bem.

— Vamos lá, uma vez que assim o queres, disse Pierrot. Mas.... ha de ser com uma condição.... Havêmos de ir.... para o lado do rio....

Esperava que Joas lhe fizesse opposição, porque era exactamente aquelle o lado da casa do tio Surin, e tambem porque receava, que houvesse adivinhado o desejo que lhe occorrêra, de ver ainda uma vez Angelica, antes de morrer.

Mas Joas respondeu-lhe tranquillamente:

— Para o lado do rio! Pois sim! iremos vêr o freixo.

Desde este momento parece que Pierrot se tornou outro homem, arranjou-se o melhor que pode. O seu rosto, tão pallido ha pouco, corou alguma cousa, e até se sentiu com mais força nas pernas.

Os que o encontravam, davam-lhe os parabens.

— Como! Pois és tu, Pierrot! Ainda bem que já estás bom. Tens realmente boa cara!

Depois, quando tinha já passado para diante, diziam abanando a cabeça:

— Pobre rapaz! Aquellas côres são máu signal; não pôde durar muito!

Os dois amigos foram calados pelo caminho, como acontece sempre, que cada um tem um pensamento, que não pôde ou não quer communicar ao seu companheiro.

Chegaram a um ponto em que o caminho se dividia em dois; o da esquerda ia direito a casa do tio Surin; e o da direita descia para o rio. — Pierrot queria tomar para a esquerda; mas Joas disse-lhe:

— Então por ahí é que se vae para o freixo? — Ora vamos, meu amigo, tem prudencia, e prometto-te que voltaremos pelo outro lado.

Como Pierrot sabia que Joas era um moço de palavra, cedeu.

Chegaram dentro em pouco ás margens do ribeiro, e então voltaram á esquerda, conforme Joas promettêra.

Quando se acharam-debaixo do freixo, Joas, querendo fazer descansar Pierrot que já não sentia as pernas fracas, e que ia a passos largos, disse-lhe:

— Repara! — Já tem caído muita folha, porque se vê d'aqui o lugar onde me tiraste do ninho. — Até ainda lá estão alguns dos gravetos que seguravam o meu berço...



— Quem seria que fez uma coisa semelhante, e que te foi assim empoleirar no alto de uma arvore?

— Só Deus póde saber isso, respondeu Joas gravemente.

Mas Pierrot não o ouviu: estava já a dez passos de distancia.

Caminhavam desde algum tempo atravez das silvas, e do mato muito alto, por um carreirinho que costeava o riacho, quando de repente Pierrot agarrou Joas pelo braço, depois o menino teve que o segurar, porque esteve quasi a desfallecer. — Tinha visto, e Joas viu então tambem, uma pequena canôa que vogava na água, e n'ella o tio Surin e a menina Angelica.

Pareciam entrelidos a pescar. — A menina estava assentada n'um dos extremos do barco, e no outro, seu pae, armado d'um croque, levantava de vez em quando uma rede em que se achava ou deixava de achar peixe. Como o barco vinha para o lado d'elles, Pierrot e Joas esconderam-se atraz d'uma balça.

— Um ruivaquinbo e um barbo! disse o senhor Surin quando o barco passou: está muito longe de ser a pesca milagrosa, talvez por não ser o vento bom... Queres mais? — Ou voltámos para casa?

— Como quizer, meu pae, respondeu, friamente, a menina Angelica.

— Mas é que eu ando aqui para te entreter, para tratar de te distrahir, e Deus sabe se isso é difficil ou não. — Se fossemos ainda alli abaixo até ao pego! — Que te parece? — É muito fundo, é bom sitio!

— Como quizer, meu pae.

— Vá lá só mais um lance pela ultima vez, disse o tio Surin, e depois saltaremos em terra, porque já vejo que não ha meio de te entreter. — Leve a breca as râparigas melancolicas!

O barco continuou o seu caminho e depressa se perdeu de vista n'um cotovelo que o rio fazia a alguma distancia d'alli. Os dois amigos sahiram então do seu escondrijo.

— Como ella está mudada! disse Pierrot com ar pensativo, e como parece triste! — Estaria tambem doente?!

N'este instante ouviu-se um grande estrondo, como o que faz um corpo pesado, quando cahê n'agua, e logo depois gritos agudíssimos:

— Acudam! acudam!...

Era a voz da menina Angelica.

Pierrot e Joas precipitaram-se para aquelle lado; e viram a menina sósinha na canôa.

— Meu pae, exclamou ella com a voz en-

trecortada por soluços... caiu... alli!... alli!...

No mesmo instante appareceu o senhor Surin no meio da agua, agitando os braços, mas tornou logo a sumir-se.

Pierrot, que tinha já despido o jaleco, atirou-se ao rio, mergulhou e tornou a apparecer d'ahi a um instante, segurando o senhor Surin. — Este, então, com a força d'um homem que se afoga, agarrou-se com ambas as mãos ao pescoço de Pierrot, e como lhe tolhia assim os movimentos, ambos tornaram a ir ao fundo.

Angelica e Joas deram um grito; mas felizmente Pierrot nadava perfeitamente, e sabia quando era necessario servir-se sómente das pernas, ajudadas por um ligeiro movimento das mãos; trouxe portanto para a margem o senhor Surin, que alli ficou inanimado. — Angelica teve então um susto horrivel, mas Pierrot tranquillizou-a.

— Esteja socegada, minha senhora, lhe disse elle, não é mais que um desmaio: pelo modo por que ha pouco me apertou o pescoço, respondo pela sua vida.

— Ah! senhor! disse Angelica, devo-lhe a vida de meu pae!

Pierrot, vigoroso já e ajudado por Joas, levou o tio Surin para casa, que era perto d'alli.

Tendo-se-lhe prestado todos os cuidados necessarios, no fim d'um quarto de hora tornou a si. — Olhou para todos os lados, viu sua filha que apertou nos braços, e disse immediatamente;

— Quem é que me salvou? — Onde está? — Onde está?...

Angelica mostrou-lhe Pierrot.

— Como! Pois foste tu, meu rapaz! — Ah! ainda bem que tenho um meio de te pagar! — Eu não queria, mas evidentemente é a vontade de Deus. — Aqui tens, disse elle pegando na filha pela mão e aproximando-se de Pierrot, abraça tua mulher!

É escusado affiançar que Pierrot não esperou que lho tornasse a dizer. — Quanto á menina Angelica, já sabemos que era obediente; pareceu conformar-se com prazer com a vontade de seu pae.

A noticia d'esta aventura e do casamento de Pierrot, espalhou-se n'um instante pela aldêa, onde causou uma alegria universal.

O bom do cura e sua irmã foram os primeiros a regozijar-se, porque Pierrot e Joas correram a casa d'elles para desabafar o seu jubilo. — Quando Joas contou toda a historia ao cura, este perguntou-lhe com ar serio e pensativo como lhe occorrêra a idea de levar



Pierrot a passear, e especialmente de o conduzir para o lado do mar.

— Não sei d'onde ella me veio, respondeu Joas; mas então fallou-lhe do fio que lhe tinha rodeado a cabeça, e apresentou-o mesmo ao cura, porque tinha tido o cuidado de o guardar dentro d'um livrinho de orações que trazia consigo.

O cura desenrolou a ligeira fita, côr de neve, olhou para ella um instante, e mandou-a metter no ninho de Joas debaixo da redoma de vidro; depois, segundo o seu costume invariavel, ergueu os olhos para o ceu, e fez o signal da cruz.

(Continúa.)

## A GUERRA DO ORIENTE

OU

### OS RUSSOS E OS TURCOS.

(Continuado de pag. 227 do 2.º n.º)

#### CAPITULO XIX. (\*)

##### A expedição à Criméa.

Os soldados francezes morriam do cholera morbus, nas terras pantanosas da Dobrutcha: os inglezes, sujeitos a um calor, que por vezes chegou a 42 graus, caíam dizimados pelas doenças no acampamento de Alyden.

A posição de simples guarda-costas do imperio turco começava a enfastiar a olhos vistos, os soldados de duas nações, bem ou mal reputadas as maiores do mundo. A Europa ajuizando da guerra em geral, e do poder da Russia em particular, pelas apreciações menos exactas da imprensa politica, que em virtude da sua missão especial precisa mais vezes fallar ás paixões do que á fria razão, principiava tambem a fazer os alliados responsaveis pelos poucos resultados da expedição ao Oriente.

(\*) Interrompemos a ordem dos capitulos na publicação da presente historia, por serem os actuaes de mais immediato interesse; mas a historia ha de apparecer na *Revista* toda completa com as competentes estampas e mappas, como annunciámos.

Em seguida aos calores intensissimos de agosto e de setembro, receiavam-se, com toda a razão, os frios não menos intensos de outubro e novembro, que apparecendo de repente paralizariam toda a acção das tropas occidentaes.

Alguns rumores sinistros começavam a correr em Paris, onde havia uma inquietação geral. Tudo indicava, pois, que era necessario operar activamente. Accresce que a Austria, tendo feito um tratado com a Turquia, para a occupação dos principados, dispensava a presença de uma grande parte das forças alliadas na Dobrutcha, e tornava possivel a guerra offensiva.

N'estas circumstancias, reuniu-se em Varna um conselho dos generaes de terra, e dos almirantes das esquadras alliadas, pesaram-se e discutiram-se as razões, que levâmos ponderadas, e decidiu-se tomar a offensiva. A Criméa foi, unanimemente, reconhecida como o ponto mais vulneravel da Russia, nas suas actuaes condições, e mais proprio para a expedição, que foi para logo decidida, dizendo-se apenas, que houve divergencia quanto aos meios da execução.

Attribue-se, geralmente, a Saint-Arnaud toda a responsabilidade militar d'este facto, ou pelo menos, a circumstancia de haver dado a expedição da Criméa o caracter de um gol-



pe de mão, embora decisivo, mas sempre aventureiro, como é a indole especial d'esta qualidade de movimentos, e, muito especialmente, sendo dirigido contra uma praça de primeira ordem, e da maior importancia para a Russia. Diz-se que lord Raglan opinára pela occupação do isthmo e pela guerra methodica na Criméa; não nos parece que isto seja exacto, porque Saint-Arnaud não se arriscaria a uma operação de tal importancia sem o pleno assentimento de um general, que tinha egualdade de direitos no commando, e uma larga pratica da guerra. Devemos tambem confessar, que a expedição á Criméa ou não se faria este anno, ou se havia de fazer assim.

A 8 de setembro de 1854, 250 navios das tres nações alliadas estavam reunidos nas alturas das bocas do Danubio; era a grande expedição á Criméa, que tendo partido, pouco a pouco, do ancoradouro de Varna, Kavarna, e outros pontos do litoral turco no Mar Negro, havia combinado juntar-se alli para marchar reunida, e desde então operar de accôrdo.

Uma ultima conferencia dos generaes e almirantes teve logar n'esse dia a bordo do vapor *Caradoc*, para decidir, definitivamente, o ponto de desembarque; assentou-se que para isso era necessario, que uma commissão de officiaes generaes e superiores de terra e mar, fosse reconhecer toda a costa da Criméa desde o cabo Chersoneso até Eupatoria, para verificar quaes os preparativos de defesa, que o inimigo tinha feito ao longo da Costa.

A vista d'esta decisão a corveta a vapor, o *Primauguet*, levando a seu bordo o general de divisão Canrobert, o general d'estado-maior, de Martimprey, o general d'artilharia, Thierry, o general de engenheiros, Bizot, o contra-almirante, Bouet-Willamez, e os coroneis, Trochu e Lebœuf, seguiu para as costas da Criméa, em conserva do *Caradoc*, que levava a seu bordo os generaes inglezes, lord Raglan, Burgoyne e Brow, e da nau *Agamenon*, levando o contra-almirante Lyons; juntou-se a esta pequena expedição a nau *Sampson*, para tirar aos russos todo o desejo de a contrariar.

No dia 10, pela manhã, estes quatro navios avistaram na península de Chersoneso um acampamento bastante numero de tropas russas. Foram percorrendo a pequena distancia do litoral toda a costa, desde o cabo Kherson ao cabo Loukoul; nada acharam mudado na situação anterior do porto de Sebastepol e dos navios russos; mas notaram os acampamentos no rio Alma e no Katcha, e tanto estas posições, como algumas outras im-

portantes na península do Chersoneso, cobertas d'artilharia, o que não existia no ultimo reconhecimento. Os officiaes do estado-maior calcularam em 30:000 a somma d'estas diversas tropas.

A commissão, continuando a investigar o litoral, desde o Alma até Eupatoria, descobriu no meio da costa, que separa estes dois pontos, uma praia situada ro paralelo de 45° de latitude, e muito favoravel para um desembarque, era o Forte Velho (*Old-fort*).

A commissão egualmente reconheceu, que muito conviria occupar a cidade d'Eupatoria, para servir de ponto de apoio aos exercitos e as esquadras.

Decidiu-se, pois, que o desembarque em logar de se fazer debaixo de fogo nas bahias do Alma e do Katcha, se fizesse no Forte Velho, a meia distancia d'Eupatoria a Sebastepol (7 leguas ao norte).

Tres dias depois do desembarque, o exercito devia pôr-se em marcha para Sebastepol, tendo constantemente o flanco direito sobre a praia, e apoiado pelos navios de guerra da esquadra.

Este plano, sendo approvedo pelo marechal Saint-Arnaud, commandante em chefe da expedição ao Oriente, a esquadra navegou para a bahia d'Eupatoria, onde deitou ferro no dia 13 pelo meio dia.

A esquadra tinha sido contrariada por uma borrasca de N. E., e que havia um pouco atrazado a manobra, e espalhado os grupos dos transportes, não obstar-te se em rebocados pelas fragatas e náus a vapor, por isso, todo o resto do dia 13 foi empregado em reunir a expedição na bahia de Eupatoria.

A noite d'este dia appareceu bella e serena; ás duas horas e meia da madrugada do dia 14, dois foguetes partiram da capitania franceza, era o signal dado pelo almirante Hamelin a lord Dundas, de que a esquadra franceza ia apparellhar, o que foi immediatamente executado pela esquadra ingleza.

A nau almirante, *Cidade de Paris*, rebocada pela nau a vapor *Napoleão*, tomou a frente da esquadra, dirigindo-se para o ponto do desembarque, os transportes ficaram todos em Eupatoria, e só durante o dia e que deviam reunir-se á expedição.

Quando rompeu a manhã apresentou-se aos olhos dos soldados e marinheiros, um espectáculo d'estes, que nunca esquece, e que muitos tinham infelizmente de presenciar pela ultima vez: era a esquadra toda em uma longa fila, demandando no maior silencio, e com uma plena confiança no resultado da expedição, as costas da Criméa que começavam



já a destacar-se, ao longe no fundo azulado das aguas do Euxino.

Tres vapores tomaram a frente, para collocarem, a pequena distancia do logar do desembarque, boias de differentes côres, que deviam marcar, pelo seu alinhamento, o ancoradouro das tres columnas ou divisões da esquadra.

As sete horas e dez minutos da manhã, a nau almirante deita ferro no ponto, que lhe estava assignado em frente da praia do Forte Velho. Parte da esquadra ingleza a vapor, commandada pelo almirante Dundas, segue para a frente para fazer um ataque falso na bahia do Katcha, ou antes um simulacro de desembarque, divertindo assim a attenção do inimigo.

Logo que a ancora das diversas embarcações tocou o fundo em frente do Forte Velho, não obstante não apparecer o menor vestigio de que o inimigo se quizesse oppôr ao desembarque, todas as chalupas das quatro náus de tres pontes armadas em guerra e munidas de foguetes à Congreve, se dirigem para a praia, collocando-se duas no seu angulo sul, e duas no angulo norte, devendo cruzar os fôgos com o de tres vapores, que têm ordem de se approximar à praia o mais que poderem.

As chalupas, canoas e lanchas de todos os vasos de guerra, são immediatamente deitadas ao mar, e ás oito horas e dez minutos começa a embarcar n'ellas a primeira divisão franceza.

O contra-almirante Bouet-Willamez, o general Canrobert, e o capitão de mar e guerra, Anne-Duportal, são os primeiros que têm a honra de pisar a terra da Criméa.

As oito horas e meia da manhã, a bandeira franceza se desenrola altiva nas terras do imperador da Russia.

As nove horas e vinte minutos, as tropas francezas desembarcam em massa, e formam-se immediatamente.

As dez horas saltam em terra os inglezes, que não tinham seguido para a frente nos vapores com o almirante Dundas.

As duas horas da tarde, o general Saint-Arnaud, que do tombadilho da *Cidade de Paris* tem observado com a maior satisfação todas as operações do desembarque, salta finalmente em terra, e colloca-se a frente da expedição, a quem dirigiu logo a ordem seguinte:

*Quatorze de setembro de 1854, durante o desembarque nas costas da Criméa.*

«Ordem geral. — Soldados! Ha cinco mezes que andaes procurando o inimigo. Finalmente elle está na vossa frente, e poder-lhe-he-

mos mostrar as aguias do imperio. Preparae-vos para soffrer as fadigas e privações d'uma campanha, que será difficil, mas breve, e que ha de elevar diante da Europa a reputação do exercito do Oriente, ao nivel das mais gloriosas da historia militar.

« Não haveis de consentir, que os soldados dos exercitos alliados, vossos companheiros d'armas, vos excedam, nem em vigor e firmeza diante do inimigo, nem nas multiplicadas privações que nos esperam. Deveis lembrar-vos que não fazemos a guerra aos habitantes pacificos da Criméa, de que as disposições são favoraveis nos são, e que tranquilos pela nossa excellente disciplina, e pelo respeito que mostrarmos á sua religião, costumes e pessoas, não tardarão a vir-nos procurar.

« Soldados! N'este momento, em que plantaes as vossas bandeiras na terra da Criméa sois a esperanza da França; em alguns dias sereis o seu orgulho!

« Viva o imperador! »

Parte da esquadra ingleza volta do Katcha; as operações n'este ponto são executadas por cinco vapores francezes e tres inglezes; do logar de desembarque vêem-se estas embarcações approximarem-se á praia, e sente-se o seu fogo contra as tropas russas, que acudiram immediatamente para se opporem aos inglezes.

Ao começar a noite, o tempo refresca, o mar engrossa, é já um pouco perigoso o desembarque da artilharia e dos cavallos.

Suspende-se então. N'este momento achavam-se em terra tres divisões d'infanteria, munidas de viveres para quatro dias, as competentes bagagens e cavallos, as companhias de engenheiros com as suas ferramentas, 60 peças d'artilharia com o competente material, os cavallos do esquadrão de sphahis, e todos os do estado-maior.

A quarta divisão voltou á noite da ribeira do Katcha, e só desembarcou no dia 15.

A nau *Iena* tinha ficado na bahia de Eupatoria, que se havia rendido á primeira intimação do coronel Trochu.

Estava pois vencida a primeira das grandes e immensas contrariedades, que os alliados tinham a experimentar na sua expedição á Criméa.

O logar do desembarque é, infelizmente, o menos proprio para um acampamento, faltam-lhe as duas condições essenciaes para isso, — agua e lenha.

A Criméa é em geral mui pouco povoada; ainda que o fosse, os soldados não podem afastar-se do acampamento.

A arêa da praia vae morrer na terra dura



e elastica dos *steppes*, d'onde se destaca uma poeira que soffoca, e faz augmentar as torturas da sêde. Os dias 15, 16 e 17 appareceram bastante quentes, e as noites pelo contrario frias. Os soldados começam a adoecer, e o cholera-morbus, quasi extincto, durante a viagem, rebenta de novo no acampamento.

Alguns tartaros acodem com provisões, que lhes são religiosamente pagas, e tracta-se de abrir communicações com as aldêas mais proximas da praia; oblêm-se alguns recursos, mas não mui abundantes; a agua continúa sempre a escacear, e a lenha é substituída, ainda que mal, pelo mato dos *steppes*.

Desde o dia 15 á noite, a estrada que conduz a Sebastepol, e que á direita do lugar do desembarque serpenteia ao longo da praia, é occupada por um forte destacamento d'infanteria e cavallaria com uma bateria de foguetes á Congrève.

A cavallaria ligeira russiana, batendo o paiz, tinha vindo já até ás proximidades dos postos avançados; sabia-se que o inimigo esperava nas alturas do rio Alma; o combate era inevitavel.

No dia 18 á noite, foi dada ordem ás tropas para levantar barracas ao romper do dia, e preparar para marchar, mandando para bordo tudo quanto excedesse ao restrictamente necessario para uso immediato. Ainda assim os respectivos commissariados luctaram com difficuldades immensas para o transporte dos diversos provimentos, que exige sempre um exercito d'aquella ordem.

Ao romper do dia 19, a praia do Forte Velho, não obstante a sua enorme extensão, podia dizer-se litteralmente coberta de barracas de campanha, bahus, caixotes, e toda a qualidade de trem de que as tropas, especialmente as inglezas, se separaram com decidida repugnancia.

Desde pela manhã até ás nove horas, passaram-se aquellas scenas de agitada confusão, que precedem as marchas dos grandes exercitos.

A esta hora, porém, a confusão cessou. As tropas estão todas formadas pela ordem em que devem marchar.

Os inglezes á esquerda, na distancia proximamente de quatro milhas da praia, devem avançar pela outra estrada que conduz a Sebastepol, e que é parallela á que dissemos seguiu ao longo da praia. Vão na frente os regimentos 8, 11 e 17 de cavallaria, segue-se a divisão ligeira, á relaguarda d'esta a primeira divisão d'infanteria, depois a artilheria, a segunda e terceira divisão d'infanteria, o resto da divisão de cavallaria, o trem

do commissariado e a quarta divisão, formando tudo mui proximo de 26:000 homens.

Junto á estrada na praia, e devendo avançar por ella, estão 8:000 turcos, commandados por Soleiman-Pachá; e em seguida aos turcos, estão, por sua ordem, as divisões francezas, Bosquet, Canrobert, Forey e Napoleão.

Cada divisão franceza d'infanteria tem duas brigadas, cada brigada dois corpos, cada corpo anda, approximadamente, por 2:000 homens, mas, incluindo os caçadores, artilheiros, engenheiros, etc., a força franceza póde calcular-se em 34:000 homens.

O total da expedição, que partiu do Forte Velho, anda, pouco mais ou menos, por 68:000 homens.

O flanco direito do exercito alliado é protegido pelas esquadras, que navegam parallelamente á praia, que podem bater até á distancia de duas milhas.

O dia estava quente; o caminho segue ao longo dos *steppes* de que já fallamos. Não ha uma unica arvore, ou uma sombra qualquer para garantir os soldados de um calor de mais de 30 grãos. A poeira levantada pela marcha das columnas soffoca os soldados, e augmenta-lhes a sêde a ponto quasi de desespero.

A extensão immensa d'esse quasi deserto, que se lhes desenvolve na frente, é apenas interrompida por algumas ordens de pequenos outeiros, que correm perpendicularmente á praia, que cortam por consequencia em angulo recto.

O aspecto geral do paiz continúa a ser estéril, e quasi selvagem; raras aldêas se avistam ao longe escondidas nas mais intimas profundidades dos valles; é em volta d'ellas que algumas tras cultivadas de terreno, indicam que a vida ainda não fugiu de todo d'estas desoladas e silvestres regiões.

São mais de dez horas; as columnas fazem alto. Lord Raglan e o marechal Saint-Arnaud, com os seus competentes estados-maiores, passam a galope pela sua frente; os soldados saudam-os com aquella expansão de enthusiasmo, que a presença do general costuma excitar na tropa quando se approxima o momento solemne da batalha.

As onze horas menos dez minutos a marcha continúa. O sol dardejava então os seus raios com a maior intensidade. Os soldados iam calados e tristes, porque soffriam extraordinariamente os effeitos da sêde. Era o rodar monotono da artilheria, e o tropear compassado dos cavallos da cavallaria ingleza, que retumbava apenas pelas encostas dos outeiros. Pouco depois das duas horas da tarde, uma especie de choque electrico passou re-



pentinamente pelas fileiras; as cabeças, até então baixas, levantaram-se como por encanto, a cadencia da marcha acelerou-se de uma maneira especial, e que se haviam avistado a certa distancia as aguas turvas do Bulganac, que n'estas alturas entra no Mar Negro.

Eram quasi tres horas quando as columnas chegaram ao rio; a avidéz com que se lançaram á agua não é possível haver palavras com que se descreva. Forçoso foi dar-lhes algum descanso n'este ponto. Estavam então na casa imperial de postas de Bulganac, que dista 20 milhas exactas de Sebastepol, e tinham passado o primeiro dos quatro rios que correm entre o Forte Velho e esta cidade, e que são o Bulganac, o Alma, o Katcha e o Belbek.

D'ahi em diante havia toda a probabilidade de encontrar o inimigo. Com effeito, a uma milha, pouco mais ou menos, da casa de postas, a cavallaria ingleza, que marchava na frente, descobriu perfeitamente os cossacos, espalhados pelos outeiros fronteiros á estrada.

Lord Cardigan mandou sair para a frente algumas filas para escaramuçarem na ordem entendida, collocando-as proximamente a 10 metros de distancia umas das outras.

Os cossacos avançaram na mesma ordem; vem montados em cavallos pequenos, mas reforçados, trazem umas lanças mui compridas e a competente carabina e pistola; o seu aspecto, em geral, é brusco, e um tanto selvagem.

Os cossacos fizeram alto na raiz dos outeiros, não se devisavam as reservas, mas as pontas das lanças começavam a apparecer por traz das alturas.

Lord Lucan mandou então fazer alto á cavallaria ingleza, algumas balas perdidas de carabina vieram cair aos pés dos cavallos.

A cavallaria russiana, animada pela circumstancia dos inglezes haverem parado, preparou-se para os carregar, vinha em tres grandes quadrados, e logo que parou na base do outeiro, immediatamente um dos quadrados se abriu, formou em linha e partiu do seu centro um tiro de artilheria; viu-se então que a cavallaria era acompanhada por artilheria a cavallo. A linha de vedetas inglezas recolheu ás suas columnas. A artilheria russiana abriu o fogo, e as balas principiaram a atravessar os esquadões inglezes. Pouco tempo durou esta refrega, uma bateria ingleza a cavallo commandada pelo capitão Maude acudiu ao galope, e procurou tomar o flanco dos cossacos. Logo que abriu o seu fogo, a cavallaria inimiga começou a abalar-se. Um quarto de hora depois, tendo-se trocado de parte a parte uns trinta tiros

de artilheria, os cossacos subiram outra vez os outeiros e retiraram-se para a sua retaguarda.

Em quanto isto se passava na esquerda por onde os inglezes avançavam, os francezes que vinham pela direita, como dissemos, encontraram tambem a cavallaria inimiga; alguns tiros d'artilheria a fizeram retirar, pois que, evidentemente, o seu fim não era oppôr-se ao progresso da marcha, mas simplesmente vigial-a.

Logo que a cavallaria se retirou de todo, e sendo mais de 5 horas da tarde, chegou a ordem para acampar n'aquelle mesmo sitio.

Com a promptidão que caracteriza o serviço dos commissariados, especialmente do inglez, foram fornecidas immediatamente ás tropas as competentes rações.

Os soldados principiaram a apanhar o mato, unico combustivel que lhes fornecia o terreno, para preparar as rações.

A noite esteve fria e humida. Ao longe, sobre a esquerda, viam-se brilhar os fôgos do acampamento russo. Os officiaes-generaes percorriam os bivacs, dando ordens, e assegurando-se do estado da tropa. Tudo indicava que no outro dia tinha logar uma grande batalha.

As 9 horas da noite, um silencio profundo reinava geralmente nos acampamentos. Os soldados, cansados da penosa marcha do dia, haviam-se deitado.

Alguns doentes apenas procuravam as ambulancias; o cholera continuava com os seus estragos.

Saint-Arnaud, o commandante em chefe da expedição, abafava pela energia do seu caracter, os soffrimentos intimos que o ralavam; superior aos padecimentos phisicos, estava então circundado dos seus officiaes de mais confiança, estudando o terreno, combinando as manobras e preparando as suas instrucções para a batalha do dia seguinte; — elle melhor que ninguem sabia que ella era inevitavel e as consequencias funestissimas que a sua perda trazia para a expedição e para a Europa.

As instrucções que Saint-Arnaud deu n'essa noite aos seus generaes de divisão para a batalha que ia seguir-se, e o plano que para ella formou, só se pôde aceitar, admitindo que aquelle general não conhecia toda a força das posições que ia atacar, ou, conhecendo-a, as julgava defendidas por muito menor quantidade de tropa. Com effeito, tornear ambos os flancos de um exercito que se ataca, e envolvel-o, sendo uma manobra aliás decisiva, demanda comtudo, além de



circunstancias especiaes do terreno, uma força muitissimo superior á dos contrarios, e a razão é clara, sendo necessario n'este caso estender muito para os flancos, o cent o enfraquece-se proporcionalmente, e o inimigo pôde, no momento critico, concentrar parte das suas forças e caindo com ellas no centro assim enfraquecido dividir a linha atacante, cortar-a pelo meio, e bater depois de escarpa e de revez cada flanco em separado.

Pôde ainda dar-se outra hypothese, que vem a ser, seguro o inimigo pelas circunstancias especiaes do terreno quanto a um dos flancos, fazer convergir para o outro uma grande parte das suas forças, que podem, por consequencia, atacar o contrario, durante o seu movimento de conversão, isto é, exactamente quando elle é mais fraco, e dest uil-o assim em *detalhe*.

Quando as posições são bem defendidas, é necessario contar com a offensiva; a historia das defesas inteiramente passivas é estéril em bons resultados. Se o defensor não está habilitado a deixar a sua posição e atacar quando se lhe offerecer o momento proprio, melhor é não acceitar o combate; um exercito condemnado á immobildade é um exercito vencido, qualquer que seja o terreno que occupe.

Não obstante estas reflexões que são correntes na arte da guerra, Saint-Arnaud decidiu que o general Bosquet torneasse o flanco esquerdo da posição russa, em quanto Lord Raglan devia torneiar o flanco direito. O principe Napoleão atacaria pelo centro. O general Forey faria a reserva com a 4.<sup>a</sup> divisão franceza, e grande parte do contingente turco, e o general Cathcart igualmente com a 4.<sup>a</sup> divisão ingleza ficaria tambem de reserva a Lord Raglan.

O dia 20 appareceu bello e sereno; o calor do sol era modificado pela brisa fresca do mar.

Muito antes do romper do dia, começou o movimento no campo. Os officiaes-generaes passaram ainda mais uma vez pela frente das suas respectivas divisões.

As 6 horas e meia da manhã, os inglezes estavam promptos a marchar; mas os francezes já haviam partido. A ordem da marcha continúa a mesma, a direita vae apoiada no mar, a esquerda é formada pelas divisões inglezas, que apoiam o seu flanco esquerdo na cavallaria que avança em ordem estendida, e prompta a escaramuçar.

A ordem de marcha é por brigadas formadas em columnas de pelotões; estas brigadas levam instrucções e estão promptas a forma-

rem grandes quadrados, mettendo as bagagens no centro, se por ventura o inimigo sobrevem em força.

Do acampamento de La Louka, ou margem esquerda do Bulganac, onde as tropas ficaram em a noite do dia 19 até ao rio Alma, o terreno é mui pouco accidentado, e não apresenta habitações algumas, salvo nas proximidades d'este rio, em cujas margens se acham espalhadas muitas casas tartaras, que algumas vezes mesmo se agrupam em numero sufficiente para formarem Aldéas; assim, quem segue para o Alma pelo caminho da praia (o que traziam os francezes) encontra a aldéa de Almathmack, e os que seguem a estrada real de Bulganac encontram a aldéa de Buluik. As habitações tartaras espalhadas por uma e outra margem do rio têm todas pequenos jardins, ou talvez, melhor falando, *cerrados* que são defendidos por muros de pedra de pequena altura, mas pres-tando assim mesmo um optimo apoio aos atiradores.

O rio Alma, a que se pôde talvez chamar ainda uma ribeira, tem escavado o seu tortuoso curso atravez de um terreno barrento, e por vezes avermelhado; a altura das suas margens varia de tres a seis pés, a sua largura é pequena (15<sup>m</sup>); junto á foz bifurca-se, formando um pequeno delta, e espraia, dando logar n'alguns sitios a varias lagoas, ou para melhor dizer, cõvas mui fundas e invadeaveis.

O rio passa-se na ponte de madeira de Berluik, no seguimento da estrada real de Bulganac, e a váu em muitos outros pontos, parecidos mesmo que poucos são os sitios absolutamente invadeaveis; e só esta circumstancia explica, quanto a nós, o não ter o principe Menschikoff destruido de todo a ponte, e inutilizado os váus, erro que seria imperdoavel, se o numero d'elles fosse muito limitado, como o assevera Saint-Arnaud na sua parte official.

O general Bosquet partiu do seu acampamento ás cinco horas da manhã; mas as tropas inglezas não poderam sair antes das sete horas; esta circumstancia transtornou um pouco o plano geral da acção. Bosquet teve de fazer alto por um pouco de tempo, e quando chegou a atacar, viu-se isolado no cume das alturas da esquerda, o que ia pondo em riscó o resultado da batalha; cumpre, porém, não anticipar os acontecimentos, e por isso descreveremos primeiro o terreno em geral.

O terreno além do Alma é o mais proprio possivel para uma batalha defensiva.

O estreito valle, por onde corre o rio, é ba-



tido perfeitamente das alturas da esquerda, que dominam o terreno da margem opposta até à distancia de uma milha.

Estas alturas, subindo em amphitheatro, apresentam como tres ordens, ou degraus distinctos, o ultimo dos quaes termina na direita por um pinaculo muito elevado, que fórma a chave da posição, e fica á retaguarda do reducto, que vaé marcado na planta. Este pinaculo (o flanco direito da posição) descaé pa a a planicie em uma inclinação mais suave do que a do flanco esquerdo, que cae tão perpendicularmente sobre o mar, que só os zouaves seriam capazes de subir aquellas alturas. É por isso que Menschikoff mandou construir o reducto, a fim de flanquear e proteger a direita.

No sentido perpendicular ao rio, fortes quebradas, sulcando o pendio das montanhas, indicam a direcção das aguas das chuvas, e das pequenas torrentes que se formam durante o inverno.

O centro da posição fica nas alturas em frente da aldéa de Burluik; a esquerda, como dissemos, nas alturas sobre o mar, a direita á retaguarda do reducto.

A extensão total da frente da posição é pouco mais de duas milhas.

Além do reducto, os russos tinham construido tambem a meio caminho da encosta, uma extensa trincheira, destinada a bater a ponte, e a proteger os defensores d'esta parte da linha.

O reducto estava armado com 16 peças de bater, e a trincheira com 10 de campanha. Além d'estes pontos a artilheria russiana estava espalhada por toda a linha, mas sem especie alguma de espaldão, e enfiando com especialidade os rigeirões, ou quebradas, que permittiam mais facil accesso pelo dorso das montanhas.

Os salgueiros e todos os arbustos da margem do rio que podiam offerecer qualquer abrigo ao atacante, tinham sido cortados.

O exercito russo, que defende estas posições, compõe-se de 42 batalhões, 16 esquadões, e 81 peças d'artilheria, na força approximada de 38:000 homens. (\*)

Na reserva, atraz do centro, estavam pos-

(\*) A saber: — 8 batalhões e 16 peças da 14.<sup>a</sup> divisão d'infanteria, 16 batalhões e 32 peças da 16.<sup>a</sup> divisão, 12 batalhões e 24 peças da 17.<sup>a</sup> divisão, 4 batalhões da brigada de reserva da 13.<sup>a</sup> divisão, o 6.<sup>o</sup> batalhão de atiradores, o 6.<sup>o</sup> batalhão combinado de sapadores e marittimos, a 2.<sup>a</sup> brigada (hussards) da 6.<sup>a</sup> divisão de cavallaria ligeira como a bateria ligeira n.<sup>o</sup> 12 de artilheria a cavallo, e a bateria n.<sup>o</sup> 4 da artilheria do Don.

tados tres regimentos d'infanteria, (de Volhynia, de Minsk e de Moskou) com duas baterias a pé; sobre a sua direita, os dois regimentos de hussards com duas baterias a cavallo, e atraz do flanco direito, o regimento de caçadores de Ouglitch. Um batalhão da reserva do regimento de Minsk tinha ido occupar a aldéa d'Ouloukoul, á retaguarda do flanco esquerdo da posição, junto da praia.

A demora dos inglezes havia feito parar a divisão Bosquet; mas ás 11 horas e meia, ella teve ordem de passar o rio, quasi junto da sua embocadura, e pouco depois, os zouaves começaram a subir a montanha por um carreiro apenas praticavel, e ás vezes mesmo firmando-se apenas nos escarpados das rochas e segurando-se ao malto, e a tudo quanto lhe pôdia prestar um apoio qualquer. O general Bosquet teve a fortuna de operar este movimento sem ser percebido pelo inimigo, tal era a confiança que este tinha na posição, mas logo que as suas tropas começaram a apparecer na extremidade Este das alturas, Menschikoff quiz reparar o seu erro, e tratou de as carregar com a cavallaria, mandando ao mesmo tempo vir da reserva os regimentos d'infanteria de Minsk e de Moskou; mas o fogo bem sustentado das esquadras apoiando o general Bosquet, não deixou carregar a cavallaria, e semeou a desordem na infanteria. Uma bomba caíndo n'um caixão d'artilheria fêl-o voar, matando alguns a tilheiros. A artilheria de campanha russiana respondeu ao fogo das esquadras, mas com mui pouco resultado, porque lhe estava quasi fóra do alcance.

Logo que os primeiros tiros da divisão Bosquet se fizeram ouvir na altura, o movimento geral pronunciou-se; a divisão Canrobert (1.<sup>a</sup>) marchou primeiro para o rio para apoiar aquella divisão, que se ia vêr exposta a todo o impeto do inimigo, e a 2.<sup>a</sup> brigada da divisão Forey avançou tambem para proteger o general Bosquet.

Os atiradores russos occupavam os jardins e cerrados das casas da direita do Alma, assim logo que avistaram a frente das columnas, abriram sobre ellas um fogo muito bem sustentado; ao mesmo tempo, a artilheria da margem opposta abriu o seu fogo com toda a intensidade: foi necessario metter em linha; as columnas eram de pelotões e vinham a distancias inteiras, a manobra foi logo executada e immediatamente saiu para a frente uma nuvem de atiradores que atacando os russos conseguiram expulsal-os dos jardins da margem esquerda; então o general Saint-Arnaud pôde lançar a sua primeira linha



atravéz d'estes jardins; mas era necessario passar o Alma, e o principe Napoleão encarregado do ataque do centro leve que formar outra vez em columna para atravessar o rio um pouco sobre a sua esquerda, o que fez sob uma nuvem de metralha. Effectuada a passagem, o principe mandou metter novamente em linha a sua divisão que tinha o flanco direito apoiado na divisão Canrobert; mas a esquerda infelizmente estava descoberta; Lord Raglan ainda não tinha n'este momento passado o rio; pôde fazer-se idéa da critica situação em que se achou esta força.

O fogo era horroroso. O 2.º regimento de marinha que fazia parte de uma das brigadas, viu-se quasi destituído. As balas vinham ferir os officiaes do estado-maior: ao lado do principe, uma bala d'artilheria levou uma das pernas ao intendente Leblanc, mesmo ao lado de S. Alteza; a divisão não pôde continuar a avançar, e o principe fez prevenir Lord Raglan do estado em que se achava.

Dois motivos, talvez, tinham impedido este distincto official de passar o rio com o exercito inglez ao mesmo tempo que os francezes, era o primeiro que elle queria ver mais pronunciado o movimento do general Bosquet, para então com mais probabilidade de bom resultado atacar a direita, e o segundo, de certo o mais principal, é que os russiaes haviam lançado mão d'um d'estes recursos felizes, que ás vezes se empregam na guerra, e de que souberam tirar todo o partido; — quando os seus atiradores se retiravam da aldêa de Burluik, na margem direita, por onde os inglezes deviam passar, deitaram-lhe fogo por muitos pontos ao mesmo tempo; as chammas elevaram-se rapidamente, e os rolos do fumo cobriram em pouco tempo a planicie; esta circumstancia demorou a marcha da 2.ª divisão do commando de sir de Lacy Evans, que formava a direita dos inglezes e esquerda do principe Napoleão, e que teve assim de desfilar por um e outro lado da aldêa, vindo dois regimentos sob o commando do general Adams passar á direita n'um vau debaixo d'um fogo vivissimo de fuzileria e artilheria, e a 1.ª brigada d'esta divisão ás ordens do major general Pennefather, á esquerda, debaixo de todo o fogo das alturas que lhe ficavam immediatamente oppostas: logo que as brigadas passaram o rio, metteram em linha, ficando assim apoiada a esquerda da 3.ª divisão franceza. A 2.ª divisão seguia-se para a esquerda a divisão ligeira sob o commando de sir George Brown que devia escalar as alturas que lhe ficavam

imediatamente na frente; sir George, que fez a guerra da Peninsula, confessou que nunca na sua vida militar havia experimentado um fogo tão intenso; com effeito, uma brigada d'esta divisão, composta dos regimentos 7, 23 e 33, dirigiu-se a atacar o reducto que existia na direita; o fogo foi de tal natureza que dos officiaes do regimento 23, apenas dois deixaram de ser tocados por alguma bala; o porta-bandeira do regimento 7 foi morto, e a bandeira esteve no terreno em quanto o regimento veio á retaguarda para se reformar, e só a recuperou quando pela segunda vez foi atacar o reducto.

Esta brigada, não obstante ser apoiada por 4 companhias da brigada de rifles, sob o commando do major Norcott, e toda a brigada do brigadeiro Buller, que protegia o seu movimento, não pôde tomar o reducto no primeiro ataque. Eram 3 horas, o flanco esquerdo dos russos já então estava completamente torneado, a linha toda começava a abalar-se, o duque de Cambridge tinha conseguido passar o rio com a divisão das guardas, e havia-se formado entre a divisão ligeira e a segunda divisão; assim apoiada aquella divisão, voltou ao ataque do reducto, e conseguiu apossar-se d'elle, e desde então o inimigo começou o seu movimento de retirada para o Katcha.

O valor das tropas alliadas excede todo o elogio; a 3.ª divisão franceza avançando para o inimigo, não obstante ser batida de frente e de flanco, apresenta um rasgo de heroidade, que não tem muitos precedentes na historia militar. A divisão ligeira ingleza, conservando-se a pé firme em frente do reducto, que lhe destruiu quasi completamente um regimento, deve ser notada como um modelo de bravura. Os russos foram, como soldados, o que a historia diz d'elles, e que ha muito se sabia, e que por se negar todos os dias, nem por isso deixa de acontecer, isto é, soldados de uma disciplina de ferro, que *morrem e sabem morrer no seu posto: machinas sim, mas de uma resistencia temivel, de uma coragem fria e impassivel, de um stoicismo que revelará embora a indole especial do servo da gleba, mas que na guerra tem vantagens e ás vezes bem grandes.*

A artilheria desempenhou um papel importantissimo n'esta batalha.

A artilheria a cavallo, ingleza, pôde subir, ainda que com grande difficuldade, os escarpados da montanha, e prestou um grande serviço, fazendo parar as forças da reserva russiana, que vinham reforçar o reducto.

A cavallaria é que teve de ficar inactiva pela natureza especial do terreno, e só no fim



da acção poude ser empregada, fazendo alguns prisioneiros.

A perda dos russos foi de 1:762 homens mortos, 2:315 feridos, e 450 contusos. Em o numero dos mortos incluem-se 45 officiaes subalternos; e no dos feridos, incluem-se 4 officiaes-generaes (o tenente-general Kvitsinsky, commandante da 16.<sup>a</sup> divisão; o major-general Stchelkanoff, commandante da brigada na mesma divisão; o major-general Goguinoff, commandante de brigada da 17.<sup>a</sup> divisão, e o major general Kourtianoff, commandante do regimento d'infanteria de Moscou), e 96 officiaes superiores e subalternos.

Os inglezes tiveram 353 homens mortos, 1:612 feridos e 18 extraviados. Em o numero dos mortos incluem-se 26 officiaes superiores e subalternos, e no dos feridos 73.

Os francezes perderam 254 homens mortos, e 1:094 feridos. Em o numero dos mortos incluem-se 4 officiaes, e no dos feridos 61. (\*)

Muitas e largas reflexões militares está pedindo o andamento d'esta batalha; mas este artigo vae tão longo, que receiámos de certo cançar a attenção do leitor; não podêmos, contudo, deixar de discutir aqui o seguinte ponto: — devia dar-se esta batalha? Da parte dos alliados parece-nos que sim, da parte de Menschikoff parece-nos que não. Temos ouvido censurar os alliados por acceitarem uma batalha, não tendo cavallaria, e offerecida em posições tão vantajosas, que foram necessarios os maiores actos de arrôjo para as levar, e ainda assim, a victoria não foi completa, porque o inimigo retirou muito a seu salvo.

Estas razões, quanto a nós, não colhem; era necessario não perder um momento; uma vez que se havia dado a guerra na Criméa o caracter audacioso de um *golpe de mão*, convinha não parar senão debaixo dos muros de Sebastepol.

O moral do exercito, e a opinião publica da Europa, é que se resentiriam extraordinariamente, se encontrados, finalmente, os russos, os alliados lhes voltassem as costas, e ficassem esperando reforços, ou embarcassem nas esquadras para desembarcar ao sul de Sebaste-

(\*) D'este numero apenas o dos officiaes mortos e feridos é extrahido da lista nominal publicada pelo *Monitor*, o dos soldados é o apresentado em globo pelo general Saint-Arnaud, e é facil que a lista nominal do *Monitor* dê mais alguns, mas por ora não se acabou de publicar.

pol. É um facto que a cavallaria teria tornado a victoria mais importante; mas era moralmente impossivel para os generaes alliados esperar por ella para offerecer a acção.

Pelo contrario, o principe Menschikoff é que a devia ter evitado; o ponto militar que parece mais proprio para occupar antes d'esta batalha, é exactamente aquelle que occupou depois, isto é, Baktschi-Serai; a razão é a seguinte: — Os alliados caminhavam para Sebastepol pelo lado do norte, que é exactamente por onde a praça é mais forte; hoje vê-se que podia confiar na guarnição, e que não seria às primeiras intimações, que ella se havia de render; a sua posição com um forte exercito no flanco dos alliados, com as communicações livres para o interior do imperio d'onde esperava, e d'onde effectivamente recebeu reforços, o habilitariam a tornar, talvez impossivel, o progresso dos trabalhos. Tinha livres as suas communicações com a praça, podia augmentar a guarnição, dirigir as sortidas, e collocar os alliados entre dois fogos, ou obrigar-os a obras immensas para protegerem a sua retaguarda, que ficava assim exposta. É mais provavel que o sitio se não começasse sob tão pessimas condições militares, e que parte, ou todo o exercito contrario, o procurasse para destruir aquelle nucleo de resistencia, que seria um ameaço constante. Nas alturas do Alma, Menschikoff havia de expôr por força o seu flanco ao fogo das esquadras, podia ser vencido, como foi, o que além da força moral tornava muito mais difficullosa a missão de toda a importancia, que lhe havia sido confiada, — defender Sebastepol. — Cumprida ella, o seu grande fim estava preenchido; não era a batalha do Alma, que salvava os muros de Sebastepol; se a ganhasse, veria os alliados embarcarem, e apparecerem-lhe n'outro ponto. Esperar os reforços, ameaçar os trabalhos do cerco era o seu recurso estrategico, como depois, infelizmente, para os alliados o executou, mas tendo perdido parte da força moral, bastante physica e muita consideração.

É uma grande felicidade para a Európa, que a Russia não tenha sabido tirar todo o partido dos immensos recursos de que dispõe, se não caro pagaria os dois grandes erros que commetteu na questão do Oriente — *recorrer á guerra muito tarde, e preparar-se para ella muito mal.*







## POESIA



A MEMORIA DE SUA EXCELLENCIA

### O VISCONDE D'ALMEIDA GARRETT

PRINCEPE DOS POETAS PORTUGUEZES DO SECCULO XIX.

**L**ARGASTE, ó poeta, o vôo,  
 Depuzeste a inspiração;  
 Pousada a lyra na campã,  
 Teus cantos são teu brazão:  
 Em torno da sepultura  
 Como que ainda murmura,  
 Teu estro, immortal cantor;  
 Inda o genio da poesia  
 Chora em ondas d'harmonia,  
 Abysmado em lucto e dôr.

O mundo é curto e pequeno.  
 Para um pensar como o teu,  
 Aguia robusta das serras  
 Que corta os campos do Céu!  
 Eis-te agora em liberdade,  
 Eis-te em pé na eternidade,  
 Abysmo em que vão cair  
 Os imperios, as cidades,  
 Uma por uma as edades  
 Do passado e do provir.



Hontem passavas na terra,  
No teu mundo d'illusões,  
Tu, o auctor de D. Branca,  
Tu, o cantor do Camões;  
E o mundo sorria ao vêr-te,  
Sorria, sem conhecer-te,  
Sem lhe lembrar o que fez,  
Quando, em delirio na scena,  
Te mudára em sceptro a penna  
Num drama só portuguez!

Rara injustiça dos homens,  
Fascinação singular!  
Querem curvar-se ás estatuas  
Não querem vida no altar:  
Querem dobrar o joelho,  
Queimar um perfume velho,  
Nas pedras dos mausoleus;  
Que a sombra então se levante,  
É compareça gigante  
Perante o throno de Deus!

Em vez de fitar os olhos  
No sol que passa e reluz,  
Querem trévas e mysterios,  
Letras que ninguem traduz:  
Querem ruinas sombrias,  
É o musgo das penedias  
Vestindo as lages do chão,  
E decifrar as charadas  
Das linhas meio apagadas  
De secular inscripção!

Foste grande, foste nobre,  
Foste excepção na poesia,  
Fogo voraz que consome,  
Quem o alimenta e o cria!  
Parasita que se afferra  
E lança ás vezes por terra,  
Pedra a pedra as construcções;  
Mas que outras vezes sustenta  
O cedro contra a tormenta  
D'encontrados furacões.

Foste pelo Cêu fadado,  
Rei do metro e da harmonia,  
Tua palavra era encanto,  
Teu encanto era poesia:  
Ora nobre ousado e austero,  
Teu verso corre severo  
E tu severo tambem;  
Ora terno, insinuante  
E como Petrarcha amante  
Poeta... como ninguem.



Assim na encosta sombria  
 Que para o valle descahe,  
 Passa a fonte cristallina  
 Que a correr gemendo vae;  
 Ora retrata a verdura,  
 Pendurada da espessura,  
 Que lhe fórma um amplo véu,  
 Ora uma luz scintillante  
 Lhe faz mudar de semblante,  
 P'rás louçanias do Céu.

A tua vida de gloria,  
 Teu verdadeiro viver  
 Começa agora, ó poeta,  
 Onde os outros vem morrer.  
 E teu berço a sepultura,  
 Tua corôa, virgem, pura,  
 Adorna-te a fronte já,  
 E se Camões morreu pobre,  
 Este sec'lo é grande, é nobre,  
 A patria acordada está.

Dorme, poeta, em descanso,  
 Depuzeste a inspiração,  
 Pousada a lyra na câmpa  
 Teus cantos são teu brazão;  
 Teu nome, a tua memoria  
 São mais um padrão de gloria  
 Pr'a o teu nobre Portugal,  
 A reviver principias  
 Morrer ind'hontem podias,  
 Hoje não que és immortal.

L. CORRÊA CALDEIRA.





## FACTOS DIVERSOS.

CORRESPONDENCIA PARTICULAR DA REVISTA ESTRANGEIRA.

Paris, 30 de Dezembro de 1854.



FACILIMA, por um lado, a comissão que  
VV... me incumbem na sua carta do  
1.º do corrente, e ao mesmo tempo mui-  
to difficil; os factos interessantes, as

historietas, as descobertas, os casos, em sum-  
ma, que poderão interessar os leitores de Lis-  
boa, os retratos mesmo, e illustrações que me  
pedem, são aqui em tão grande abundancia,  
que a maior difficuldade consiste em classifi-  
car, escolher e pôr por ordem, é o *embarrás*  
du *choix*, como dizem por cá, e que às vezes não



S. M. O IMPERADOR D'AUSTRIA.



é pequeno, que me dificultará o satisfazer aos seus desejos.

Nunca fui escriptor, VV... me farão, pois, o particular obsequio de supprimir o meu nome, e conservar apenas as iniciaes; é um meio anonymo para ir, pouco a pouco, perdendo a vergonha de apparecer em publico, que na realidade é uma vergonha muito grande. Felizmente o echo do tacão, em Lisboa, não chegará aqui, à rua Poissoniere; se no meu *debut* de escriptor, levar uma tremenda pateada, será essa a noite que hei de dormir mais sosegado em Paris; tal e qual como os antigos queimados em estatua, que sentiam exactamente mais frio no dia em que eram supplicados pelo fogo. Se o nosso Figueiredo descobrisse o meio de cantar as suas árias às aguas do Senna, e mandal-as depois pelo correio à platéa de S. Carlos, que bellas noites que elle dormiria!!

O tempo urge, nada mais de preambulos, entremos em materia. Não conheceis o imperador d'Austria? Pois ahí vae o seu retrato, que é o melhor remedio para semelhante mal: começo esta chronica, carta, ou como VV... lhe quizerem chamar, por Sua Magestade Imperial, porque a sua pessoa, e o seu imperio, e o assumpto em que julgo se tem fallado mais em Paris, desde que ella é cidade, pois olhem VV..., que a contar do tempo dos taes sycambros, tem-se fallado por cá em muitas cousas, e n'algumas bem boas.

Estou enfastiado da Austria. — Primeiro que se soubesse o que era aquelle tractado, que conjecturas, que apostas, que discursos; e vae senão quando apparece o tractado, e depois?... Ora depois; ainda se ficou peor do que antes, e ainda se fallou mais n'elle.

Francisco José, o actual imperador d'Austria, o objecto favorito em que hoje conversa aqui de preferencia, desde o *chiffonier* (meia proporcional na importancia, entre o trapeiro e o ferro-velho de Lisboa) até o proprio Napoleão, tem uma biographia tão simples, que cabe perfeitamente n'um artigo de chronica, e no meio de uma carta particular.

Nasceu a 18 d'agosto de 1830; succedeu a seu tio o imperador Fernando I, em virtude da abdicção d'este a 2 de dezembro de 1848, tendo seu pae, o archiduque Francisco Carlos José, renunciado os seus direitos à successão do throno, que por lei lhe pertencia. Casou a 24 d'abril do corrente anno, com Elisabeth-Amelia-Eugenia, filha de Maximiliano José, duque de Baviera.

Instruido e applicado, este príncipe tem passado durante o seu curto reinado, pelas

mais rudes provações e contrariedades. Hoje a sua hesitação, talvez indispensavel, e altamente justificada, entre a causa da Russia e a do Occidente, faz que elle seja o alvo de todas as conversas, e o ponto obrigado de todas as discussões, tanto mais, que ha uma crença geral, de que na sua mão está o acabar esta questão, crença de que, entre parthenheiss, eu peço licença para duvidar.

Passemos de um rei a um fogo, que a não ser de vistas, não tem analogia alguma com elle, e assim mesmo era no tempo em que as *republicas estavam em moda*.

A historia, que vou contar, é já um pouco velha, mas será pela circumstancia de a ter presenciado toda, fez-me uma tal impressão, e acho-a tão interessante, que não posso resistir ao desejo de a ver transcripta n'esse periodico, e conhecida em Lisboa.

Tinha eu ido a Marselha tractar de um negocio particular; estava no *Hotel de la Marine*, deixando passar o calor; eram duas horas da tarde do dia 15 d'agosto; senti tocar a fogo, e pelo meu antigo costume de Lisboa, sai para a rua; o fogo era na sobre-loja da casa, que faz esquina da rua de Suffren para a de Beauveau n.º 4; quando lá cheguei, dois officiaes inferiores do 4.º ligeiro haviam subido pela escada do predio, e entrado no primeiro andar, para ver se podiam atalhar o incendio, ou prestar alguns soccorros; logo que alli chegaram, o fogo rompeu em labaredas pela porta da sobre-loja, que deitava para a escada, communicou-se a esta, e a encheu de columnas de um fogo acre e espesso, que cortou a retirada aos dois militares; debalde tentaram sair pela escada, força lhe foi tornar a entrar no primeiro andar, d'onde já saíam pelas janellas grossas columnas de fumo; felizmente a altura não era grande, uma escada, que appareceu muito a tempo, ainda que pequena, bastou para os salvar. Eis que de repente apparece à janella do quarto andar, uma mulher ainda moça, que parecia quasi suffocada pelo fumo; era tal a sua afflicção, que abriu rapidamente a janella, assentou-se no parapeito, e olhou para baixo, com tenção firme de se deitar d'aquella altura para a rua, onde impreterivelmente se faria em pedaços. A este tempo já as columnas de fumo, saindo por todas as janellas, pareciam envolver aquella infeliz. Um grito unisono, como eu nunca ouvi na minha vida, e como nunca tornarei a ouvir, retumbou da multidão: — não te deites, — não te deites; — a desgraçada hesitou, desceu da janella, que cerrou por um pouco, e voltou para dentro; entretanto os soccorros não che-



gavam, e o tempo ia passando. Um official d'infanteria teve a feliz idéa de correr ao porto para buscar uma corda; mas de que poderia ella servir? Passaram-se cinco minutos; era um seculo para nós todos; eis que a pobre mulher do quarto andar torna a apparecer á janella; d'esta vez vinha como asphyxiada, era a afflicção levada ao delirio, parecia que as labaredas já a haviam tocado; debruçou-se horrorosamente do parapeito da janella, como para fugir ás linguas de fogo que a perseguiam; estendeu os braços para a multidão, como a pedir-lhe socorro, ou ao menos, que amparassem a sua quêda, que já era inevitavel, e passou resolutamente o corpo para fóra da janella; n'este momento alguns individuos tiveram a triste lembrança de propor, que se fossem buscar colxões, como se elles podessem amortecer uma quêda desamparada de um quarto andar. A esta segunda appareição, a turba havia recuado espantada; mas teve o bom acôrdo de gritar: — não te deites, — e accrescentou, posto que sem esperanza alguma, *ahi vae soccorro.* — A pobre mulher pareceu não a ouvir, fez o signal da cruz, e eu virei a cabeça para a não vêr despedaçar-se no meio das lages da calçada. Ainda um outro grito me fez levantar a vista: — um homem, tendo uma corda atada á cintura, subia ao longo da parede liza d'aquelle malfadado edificio, e poder subir por alli parecia um verdadeiro milagre; o resto do predio não tinha moradores, as janellas eram de peitos, tendo pela parte de fóra meias portas de grades ou taboinhas fixas; estas meias portas achavam-se fechadas, e estavam bastante velhas; era apoiando os pés, ora n'um parapeito, ora n'uma d'estas grades, ora n'uma, ou outra saliencia da fachada, que esse homem corajoso pôde levar a corda ate ás janellas do quarto andar; quando lá chegou um *hurrah* immenso, uma roda tremenda de palmas e de vivas, partiram da multidão. Na ancía extrema de se salvar do perigo, a mulher, já meia morta de terror, ia baldando todos estes corajosos esforços, porque, não attendendo á posição arriscada do seu intrepido salvador, quiz-se-lhe deitar logo nos braços, o que fazia impreterivelmente resvalar a ambos pela parede abaixo, e seriam então duas mortes em lugar de uma.

Suspensos a 70 palmos de altura, este homem teve ainda o sangue frio necessario para a persuadir a que esperasse alguns segundos; atou então uma das pontas da corda á grade da janella, e desde este momento elle ficou seguro. Mas como fazer descer ao longo de uma corda uma fraca mulher, cuja

razão de mais a mais estava perturbada pelo susto? Era a grande difficuldade.

Entretanto tinham chegado alguns soccorros, e entre elles duas escadas de ganchos, mas que infelizmente não passavam do segundo andar, o homem poude então, com uma presença d'animo admiravel, descer, mas já bem seguro, ao longo do difficil caminho por onde tinha subido, e apoiando-se na pequena saliencia que formava a pedra da guarnição das janellas do segundo andar, elevar a escada acima da sua cabeça, até que os ganchos se seguraram na janella do quarto; era tempo, porque o fogo approximava-se, a olhos vistos, a esta janella, e não só podia queimar a ponta da corda que estava atada á janella, mas tornava impossivel á pobre rapariga o esperar mais tempo pelo soccorro. Com as pontas dos pés simplesmente apoiadas nos degrãos da escada, por que ficou encostada á parede, aquelles pulsos de ferro tiveram força para segurar a triste mulher que se deixou cair em pêso nos braços do seu salvador; houve então um momento de anciedade extrema; ao choque inesperado d'esse corpo semi-morto, que elle mal podia suster, o homem vergou para traz na escada; os pés iam-lhe faltando; a quêda pareceu imminente; por bem que a corda estava lá, e elle nunca a tinha largado. Mas uma ultima contrariedade mais terrivel que todas as outras os esperava ainda; chegados ao fim da escada que não passava das janellas do segundo andar, era impossivel descer mais. — Novo momento de hesitação. — Os bombeiros já então dentro do segundo andar da casa, indicam uma pequena barra de ferro onde seria possivel apoiar as pontas dos pés, em quanto se mudasse a escada; e elles tambem de pé no parapeito da janella, a amparariam, ajudando a mulher a passar para o seu novo ponto de apoio, onde é necessario que o seu salvador a acompanhe sob pena de se perder todo o incommodo, pois que não havia intepidez que resistisse, especialmente n'uma mulher, vendo-se assim suspensa n'uma altura d'aquellas. Os bombeiros tiram a escada de cima e passam-a para baixo, fixando os ganchos ás janellas do segundo andar; chega então proximo da rua; resta apenas passar da vara de ferro outra vez para a escada; os bombeiros ajudam a esta arriscadissima operação, que a corda facilita muito, e que se executa sem accidente algum. Começa então a descer o homem e a mulher, e em dois segundos estavam no meio da multidão, ebria de enthusiasmo, que queria ver e saudar este homem que ninguem conhecia



em Marselha, e que no entanto havia cumprido o acto de maior coragem que seria possível praticar n'este mundo.

Este homem era Mr. Emilio Veram, capitão do navio *Fortune* e natural da cidade d'*Arles*; em pouco tempo se perdeu entre o povo, e nunca mais o tornei a ver.

Passemos de um fogo a um casamento, que por fogo começam quasi sempre, e quasi sempre acabam por agua, que às vezes tem bem pouco de benta.

Santo homem é este senhor Nermont e a sua bella doutrina! todos os celibatarios de Paris, e mais não são poucos, parece-me que foram ver o seu processo, para que se a decisão dos tribunaes lhe fosse favoravel, mudarem de rumo, e tratarem de arranjar mulher, e se a moda pegasse em Lisboa, até VV. e mais não me parecem lá muito inclinados ao santo sacramento, estavam caídos, porque o negocio era de pechincha, e grande pechincha.

Eis o caso. — O esposo Nermont tem os seus cincoenta e cinco annos, corpo direito, cara que indica ser bastante devoto de uma irmandade, cujo santo se festeja no dia 11 de novembro, aspecto em geral alegre, e como dizem por aqui de *bon vivant*. A sua esposa, a senhora Maria Nermont, com muito menos idade, tem o parecer mais apouquentado e a dizer de voz em grita que se o marido faz as suas saudações ao deus Baccho, ou é fóra de casa, ou não reparte com a mulher; com effeito, uma cara d'aquellas indica o uso da mais pura agua fresca, ainda quando a temperatura vem a dois grãos abaixo de zero; accresce que no momento de comparecer nos tribunaes, a senhora Maria Nermont parecia ter-se levantado d'uma d'estas malignas, que levam 99 e tres quartos por cada 100 doentes.

Um enorme forçado de ferro apparecia sobre a mesa do escrivão.

Abrem-se os debates. — A causa d'este processo é um systema vastissimo de philosophia, é uma completa revolução social que o senhor Nermont ia levando ao cabo na sua pequena republica de Courbevoie. Segundo este systema é a mulher que deve ganhar a vida e o homem comer descansadamente o que ella grangear, systema este, quanto a nós, que deve facilitar os casamentos 100 por 100. Ora a senhora Maria Nermont resignou-se a ser o *exemplar* em que se ensaiasse a nova doutrina, e o negocio ia ás mil maravilhas; vae senão quando, a ociosidade é a mãe de todos os vícios, Nermont sem ter que fazer, entrou na taberna, primeiro para saber novi-

dades, depois pareceu-lhe mal deixar de fazer alguma despeza, mandou vir meio quartilho, depois lá vinha um amigo, — um quartilho, e depois, Deus nos accuda. A noite quando voltava para casa, as exigencias, os maus tratamentos cresciam a um ponto extraordinario. Evidentemente o homem deitava a perder o seu proprio systema, pois que *abusava* em lugar de *usar*. O trabalho, a economia e todos os ganhos da pobre mulher não bastavam para tapar o sorvedoiro immenso da taberna, porque o senhor Nermont no intuito de recrutar proselitos para a santa doutrina do ocio masculino, dava de beber a mãos largas, e honra lhe seja, que discipulos já elle contava mais do que teve Mafôma no 1.º anno da sua prêgação. — Depois da prosperidade os contratempos. O carrancudo taberneiro *cansado de gastar giz* accelerou a crise, pondo a questão nos termos positivos de, ou pagar, ou suspender as visitas ao estabelecimento, que por aquelle theor lhe eram mais prejudiciaes do que as do proprio — *oidium*.

O esposo Nermont correu a casa exasperado, nunca tinha tido a goella mais secca, nunca lhe haviam parecido mais deliciosas de sorver aquellas bolhas arroxadas que coroam magestosamente um bello *lavado*, expressão technica *do officio*, que seja dito de passagem significa — copo de quartilho, e de maneira alguma um honrado negociante da baixa d'essa cidade, que além d'isso de bello não tem lá muito... O semestre das casas approximava-se, Maria Nermont, com uma previsão que lhe faz honra havia accumulado o numero de francos necessario para o pagar no ultimo do anno, evitando assim as cortezias dos individuos menos cortezes em toda a parte do mundo, — que são os senhorios das casas. — Foi um raio de esperanza. — Nermont correu ao precioso deposito; a conta da taberna foi saldada, até ao ultimo centimo, e n'essa noite correu mais vinho nas goellas do feliz esposo, e seus alegres convivas do que produz talvez a melhor quinta da Madeira depois do triste flagello das vinhas. Mas infelizmente não ha gosto perfeito n'esta vida: na volta para casa o feliz esposo achou a mulher em perfeita rebellião contra o systema protector, parecia os turcos a não quererem a santa protecção do Czar; mas se este achou um *Menschicoff* para chamar aquelles á verdadeira razão, o *Menschicoff* do senhor Nermont foi um enorme forçado de ferro que produziu mais rapido effeito nos debeis costados da senhora Nermont do que o outro nos turcos, porque quando acudiu a intervenção anglo-fran-





RAPARIGA DA CLASSE MEDIA NO BUCHAREST.

ceza, isto é, a visinhança e o commissario, a mulher fadada para regenerar a sociedade nas suas verdadeiras bases, estabelecendo o santo ocio dos maridos, estava quasi morta.

N'essa noite e nas seguintes ainda o marido Nermont teve casa de graça, — *pagou-lha o estado*, — mas quando no tribunal quiz demonstrar ao magistrado a excellencia do novo systema social, este que não achou no senhor Nermont lá uma grande cara de barão d'Holbak foi-o condemnando a seis annos de prisão, para ver entretanto se imaginava outro que não tivesse tão grandes contratempos. O homem appellou, mas parece-me que de balde. Se por acaso pegar o primeiro systema que elle, evidentemente, estruiu por *abuso*, desde já convido a VV., senhores redactores, para padrinhos do meu proximo casamento.

A proposito de casamento ahi vai a amostra

d'uma rapariga *de meia tigella*, na cidade do Bucharest: em paga d'esta minha longa epistola, VV., senhores redactores, que tem de casa gente da profissão, e que sabem, por consequencia, quanto os senhores militares são faceis em *fazer e desfazer* casamentos, me farão obsequio de mandar dizer à vista d'aquella *fazenda*, e da passagem successiva de turcos, russos, egypcios, tunesinos, austriacos, francezes e inglezes, qual será a lingua que d'aqui a meia duzia de annos se fallará *mais* nos principados; a que se ha de fallar *menos* sei eu que é a do paiz.

Muito golosos são estes senhores francezes, entre os quaes tenho a honra de estar vivendo, pois sabem VV. quanto produziu em uma epocha a factura do assucar de beterraba? mais de duzentos milhões de arrateis, é verdade que cada factura equivale a um anno; mas esta porção é a indigena, e não se falla do



que se consumiu, feito de canna, e vindo do estrangeiro.

Se os francezes são golosos, os inglezes não lhe ficam atrás, mesmo no genero, — solido, — que lá no genero, — *liquidos*, — isso ninguem se metteu nunca a disputar com um inglez. Tendo-se notado que só os refrescos na exposição universal em Londres renderam 337,500,000 réis, no actual palacio de cristal, em Sydenham, estabeleceu-se uma cozinha para servir aos visitantes se não um jantar completo, ao menos um soffrivel *lunch*, pois, senhores, n'uma d'estas quintas-feiras passadas, os taes senhores visitantes consumiram 500 gallinhas, 150 pombos, 60 peças grandes de *roast-beef*, 40 peças de vacca cozida á ingleza, 20 peitos de vitella recheados, 20 quartos de cordeiro, 20 lombos dito, 150 cópos de geleá, 100 de leite creme, sobre-mesas, etc.; a bebida, essa lá não digo eu em quanto os inglezes não tomarem Sebastepol, porque não quero que os nossos amigos russos lhes saibam do fraco, e lhes armem alguma, e eu estou com muito empenho que se tome Sebastepol, quando mais não seja para vêr se em Paris se falla n'outra cousa.

Outro objecto logo abaixo do fastidioso Sebastepol é aqui a exposição universal para o proximo anno de 1855; para VV. ajuizarem da grandeza d'este acto, basta que lhes diga, que a superficie de vidro despolido que ha de cobrir o palacio é de 33,000 metros quadrados!! A superficie dos annexos onde se hão de recolher e expor as materias primas e as machinas é de 32,000 metros quadrados; não entra em todos estes edificios mais do que pedra, ferro e vidro, é uma cousa de tal maneira deslumbrante e magnifica que só vendo-a se imagina.

Não cuidem por isso VV. que por aqui só ha milagres de civilisação, requintes de luxo, e que tudo são palacios de cristal; ouçam o que se passa ainda por cá. Na freguezia, ou municipio de S. Victor-Lacoste, o pae Giraud, velho dos seus oitenta annos, dormia descançadamente ao lado de sua mulher, a velhita Giraud, que orçava pela mesma conta, pouco mais ou menos. De repente sente-se á porta uma bulha dos infernos; parece que a querem arrombar, e effectivamente, em poucos instantes vae dentro; os velhos acordaram em sobresalto; á porta da triste alcoba parecêulhes vêr como em um pesadello, um filho que tinham, mas armado de uma grande foice roçadoira; o pesadello era infelizmente uma realidade; o monstro correu para a cama, e n'um impeto de furia, que não havia precedente algum que justificasse, começou a fe-

rir o pobre velho por modo tal que o deixou sem vida; a mãe não teve tempo para mais do que saltar da cama, e principiar a chamar por soccorro; ainda um visinho acudiu, mas o filho Giraud correu para elle com a terrivel foice, e obrigou-o a fugir. Já então um pouco mais socegado *este bom filho* foi procurar a mãe que se havia refugiado no primeiro andar, e obrigou-a a dar-lhe de ceiar, sob pretexto de que tinha muita fome e sede, o que a velha cumpriu, tremendo de susto. Entretanto o visinho que primeiro tinha acudido foi chamar outros e todos voltaram a casa do sinistro; parece comtudo que o valor marcial não é o forte dos paisanos do municipio de S. Victor, o filho Giraud reconhecendo a intenção que alli os trazia levou da terrivel foice, e com o estomago mais bem composto do que tinham os inglezes na batalha de Inkerman, onde, segundo se diz, combateram em jejum, com tanto pesar de Lord Derby, investiu com os atacantes, e faça Deus bom tempo, foi a qual d'elles fugiria mais; a ceia parecia poder continuar-se descançadamente; mas o crime tem seus angulos de incidencia e de reflexão, disse outro dia Victor Hugo, e os poetas cá para mim tem sempre razão, salvo quando dizem que é lindo ver romper a madrugada, e que todas as mulheres são anjos, porque eu tenho achado cada mulher, que não sei se o demonio será mais bonito, e cada madrugada que mette medo; os visinhos de Giraud foram buscar reforço, e d'esta vez foi a valer, porque vieram dois guardas florestas de bellas espingardas caçadeiras, costumados a matar seu urso e lobo, e que não recuaram perante a foice de Giraud; cercado por todos, foi preso, e pôde então acudir-se ao velho e tirado na cama, era tarde, com a cabeça ferida de alto a baixo, tinha já expirado, esvaindo-se no proprio sangue.

O filho levado perante os tribunaes confessou o crime, mas desculpou-se dizendo que estava embriagado!! Não lhe valeu a desculpa para ser condemnado a pena ultima; mas veremos ainda o que sae, porque appellou da sentença.

Na ordem dos crimes parece, á primeira vista, que este attingiu o grau mais elevado que se podia dar; pois é um grande erro, porque n'essa mesma occasião se estava passando em Aveyron cousa peor, muito peor que isto. Dirão agora, VV., o que será peor, que matar o pae de 80 annos, espancar a mãe de 70, e mandar depois de tudo isto vir uma ceia, como se fosse n'uma casa de pasto, e começar a comer muito descançadamente? Que responda a heroína Maurel, que



é accusada e convencida de *ter morto de proposito á fome* seu proprio filho, uma pobre e innocente criança de 7 annos, cujas lagrimas e supplicas incessantes de uma migalha de pão, não pode, am commover aquella creatura, verdadeiramente feroz, que por fim, para evitar ouvir a *bulha impertinente*, que fazia o filho (como ella disse nos tribunaes), lhe fechou a porta, e o deixou expirar nas mais pungentes torturas, que pôde experimentar uma criança d'aquella idade. — as da fonte.

Este monstro, ou mulher Maurel, que n'este caso é o mesmo, foi condemnada a trabalhos forçados por toda a vida, e o marido tambem declarado criminoso pelo jury, do crime de pancadas e feridas feitas na mesma criança, foi condemnado em dois annos de prisão.

Ainda ha peor que isto? Sim, senhores; ahi vae peor, muito peor, muitissimo peor, tudo quanto pôde ser de peor. Ahi vae um crime para que eu, que não sou sanguinario, não acho pena que baste; forcas, guilhotinas, e inclusive as antigas torturas da inquisição, ainda me pareciam pouco. — Um manco de 19 annos, chamado Vicente Colin, foi levado perante o tribunal dos jurados em Vaucluse; o seu crime é excepcional, é nunca visto, nem imaginado; aquelle malvado vae responder ao tribunal pelo crime de ter violado duas... duas velhas... uma de 80 annos, outra de 70!!!

Nunca julguei possivel a existencia de tal crime!

As circumstancias especiaes são de tal natureza, que me vejo obrigado a evitar mais pormenores. O tribunal, dando o crime por provado, condemnou o réu apenas em cinco annos de prisão, pois que admilliu circumstancias attenuantes. Injusto tribunal é este, pois me parece que não ha circumstancia alguma que possa *attenuar um crime de tal natureza*.

É por estas e outras, que para fugir a este *mundo velho*, e procurar o *mundo novo*, que por força deve ser melhor, só nos primeiros oito mezes d'este anno, que está quasi a findar, 54,348 irlandezes e 115,400 allemães chegaram a Nova-York; o numero total dos emigrados n'este periodo que entraram n'esta cidade foi de 209,414, e todos mais ou menos acharam logo que fazer.

Já que estamos na America, fallar-lhes-hei no Brazil. Uma tremenda revolução, e revolução militar que são mais da moda, esteve a ponto de romper n'aquelle vasto imperio, segundo uma carta que acabo de ler no *Morning Chronicle*. O motivo era o mais justificado, e o mais plausivel de todos quantos tem

tido os senhores militares de cá e di lá, para fazer uma *bernarda*, e por isto ajuizem VV. que tal elle era, tendo havido até hoje tão *grandes motivos*, e para tantas. Publicou-se uma lei prohibindo o casamento aos officiaes de patente inferior a coronel, salvo a competente permissão do governo, que não poderia ser concedida senão em determinadas circumstancias; ora notem VV. que o systema do senhor Nermont, que acima deixo historiado, ainda se não tinha estendido ao Brasil, e por isso as meninas brasileiras deram um d'aquelles cavacos solemnes que se manifesta por mais alguma cousa do que por simples palavras de desabafo; devendo tambem observar que la, como ahi, e como julgo que em quasi toda a parte do mundo, o mais avultado contingente para a bemaventurada classe dos maridos sahe do exercito; as meninas brasileiras vendo-se assim manifestamente lesadas nos seus mais caros interesses matrimoniaes, tentaram de levar á revolta a parte *aproveitavel* do exercito fluminense que, entre parenthesis, não sei se será lá muito numerosa; ora eu sou inimigo de revoltas como VV. sabem, tanto que durante o tempo que ahi estive apenas entrei em sete, e uma não ha muito tempo, bem *contra* minha vontade; mas desafiado para uma *bernarda* por uma brasileira dos seus 20 annos, com os competentes *quindins*, e aquella voz assucarada, confesso que lhe não resistia, e la entrava na oitava, que de certo não era a ma avilha do mundo, porque de revoluções ja ninguem se maravilha. Parece porem, se e verdadeira a tal correspondencia, que nem as damas nem os seus campeões foram mui felizes na empreza; a revolução *casamenteira* abortou, e os seus principaes auctores foram presos; e para seu maior supplicio espera-os, naturalmente ao sair do calabouço, uma tremenda rôda de *bananas*, dada em choro por todas as meninas dos 17 aos 22 annos, que cá para mim era para me deitar ao primeiro pôço, rio, ou mar que me ficasse a geito.

Que em saber como vae em augmento a circulação das cartas em Inglaterra? — Em 1840 a cifra das cartas que circularam em todo o reino-unido, foi de 3.319.053; em 1847 foi de 6.093.834, e em 1854 (acabando no 1.º de setembro) foi de 8.356.011. Para eu ser bem feliz bastava-me uma moeda por cada uma d'estas cartas que fallasse em vinho.

Quem tem feito furor por estas terras é o senhor Murrander-Sing-Mahinder-Bahadon, de Puttialak; pronunciem o nome como podermos, que este ainda é peor que os russos. Este senhor é um Nababo indiano; eu dos taes



nababos não entendo muito, mas julgo que são uma especie de príncipes ou cousa que o valha. O caso é que este senhor chegou à Europa, precedido d'uma letra aberta até à bagatella de 12,000,000 de francos!! (2,400,000,000 réis,) fóra o que trazia consigo, é de uma excentricidade extrema, tanto que dirigindo-se para Londres, veio por Bordeus, para *endireitar caminho*.

Chegando a esta cidade não quiz ir para hospedaria; mandou comprar uma casa, e mobilal-a de tudo quanto fosse necessario e com uma rapidez tal que chegando pela manhã jantou já na sua casa, e com os mesmos commodos que se residisse em Bordeus ha 20 annos.

A primeira vez que saiu chovia muito, hiasse então divertindo em deitar pelas portinholas da carruagem, uns grandes barretes á prova d'agua aquelles que via sem chapéu de chuva; façam idea se em Bordeus se fallaria n'outra cousa, e depois tem feito peças que não sei se diga que o tal nababo está doido.

Ora não cuidem agora por ahí que para se ser rico, é preciso por força ser *nababo*; ainda outro dia um pobre sapador, do 1.º regimento de engenheiros, entrava para o calaboiço na cidade de Lilla, bem desconsolado da sua vida, como é natural a quem entra n'uma prisão, ainda mesmo que seja um paisano. Havia-se deitado o infeliz na dura e pouco *confortada* tarimba, sonhando talvez com a má catadura do capitão, e com a feia carranca do coronel, vae se não quando, abriu-se a porta de par em par; alegrou-se o soldado, julgando que era mais um companheiro de infortunio, pelo grande principio do *solatio est miseris socios habere penates*, quando uma tremenda rôda d'*excellencias* disparadas á queima roupa, mas com menos effeito do que as balas russas nos costados dos turcos em 25 de outubro, porque estas ao menos não o poderam fazer fugir, vieram provar ao soldado que ou era victima de um sonho, ou de uma grande transformação de fortuna.

Effectivamente as excellencias eram dadas pelo tabellião que lhe vinha trazer a noticia de uma herança de 3,500,000 francos, isto é, a pequena graça de 700,000,000 réis. Na expansão da sua alegria o soldado queria mandar buscar ainda a *credito*, tal era o estado anterior das suas finanças, um quartilho para obsequiar o *tabellião*, o que este rejeitou com uma abnegação que faz honra a um heroe de Plutarco. A graça era d'ahi a um quarto de hora o incessante bater á porta da prisão; um amigo, lembrando-se que a tarimba era muito dura, e que as noites estavam

muito frias, offerecia um canapé que se obrigava a fazer entrar com a devida licença do sargento. — Outro, que o rancho da tarde estava tão mal temperado, e que já tinha sido tantas vezes de feijão, que sendo possivel que o não comesse, a *fome* podia apertar, e que era necessario ter dô de *um pobre soldado preso*: outro vinha dar parte que no dia seguinte serviria de *empenho* para o coronel alliviar o rigor da disciplina, porque lá fallas, mais por aqui mais por alli, todos as tinham, e que se fossem a prender aquelles que o mereciam, 99 partes do genero humano estariam de gaiola, etc. etc.

Recebidos com um verdadeiro desdem de millionario, os offerecimentos da turba, o soldado quando saiu tratou da sua baixa, e consta que se deu melhor com os seus 700 contos de réis do que os seus camaradas com as 700 balas do forte da quarentena.

Se VV. deitarem sege, do que estão bem livres em quanto forem do *officio do escrever* em Portugal, tomem muito cuidado com os seus cocheiros e boleiros; olhem que o conde de Via Manuel, grande de Hespanha, tendo partido de Bayona para Madrid, foi assassinado pelo seu cocheiro, quasi á entrada d'esta ultima cidade. Este fidalgo deixou uma viuva e tres filhos menores, e era filho do conde de Via Manuel, que o celebre Zumalacarrégui mandou fuzilar durante as ultimas guerras civis.

Por hoje bastará, e VV... desculparão a exiguidade, attendendo a que é apenas o meu *debute* de escriptor; para a seguinte serei mais extenso, e entretanto vou ao Tortoni beber um copo de cognac á saude de VV. e da sua *Revista Estrangeira*, e em nome do mesmo *Cognac*, como dizia o *Periodico dos Pobres*, e não sei se ainda diz, sou de VV...., etc.

V. da M. e B.

#### AS NOSSAS LEITORAS.

Tendo demorado, até hoje, a publicação d'este numero á espera dos figurinos de Paris, e cartas que os acompanham, acabámos de saber, que só no dia 20 do corrente janeiro nos podem ser d'alli remettidos, e serão já os relativos ao dito mez; n'este caso, como o nosso n.º 9 está quasi prompto, com elle distribuiremos os figurinos, e daremos o artigo de modas.